

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,520 rs. — Trimestre 1,500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 52. — SABBADO, 27 DE DEZEMBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,5100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,5000.

SUMMARIO.

O Castigo do Senhor (conclusão) — Abd-el-Kader (conclusão) — Spá na Belgica — Coroação do Imperador Alexandre II em Moscow (conclusão) — Os peixes electricos — Mythologia — O pandanus na ilha do Principe — Novo templo de Saint-Dié — Illusão, poesia — Estatística do tabaco — Apontamentos de viagem — Um luto publico na China — O Sapateiro d'escada — Cidade do Porto. GRAVURAS — Novo templo de Saint-Dié — O pandanus na ilha do Principe — Cidade do Porto — Spá na Belgica — O anno de 1856 em retirada.

carta ao Castigo do Senhor, disse respeitosa-mente: — É um religioso o portador, e diz que espera a resposta.

O velho abriu a carta, e depois de ler exclamou: — Meu Deus, que me adivinha o coração!... Não sabeis? é Fernando...

— Fernando!? bradaram todos a uma voz. — Ouvi: tornou Paulino; e leu a carta.

«Meu pae: é o vosso filho que pretende abraçar-vos. Não condemneis a sua volta; se elle não é feliz, espera ao menos sel-o em breve. Dentro d'um quarto de hora deixar-vos-hei para sempre. — Fernando.»

— Theodoro, meu amigo, disse Paulino ao Filho da

Tormenta, que acabava de entrar; dizei ao religioso que traz esta carta, que espero alegre o meu filho.

O Filho da Tormenta quiz fallar, mas o seu amigo proseguiu:

— Ide, ide, depois vos direi...

Theodoro saiu.

— Mas porque virá um sacerdote como portador? perguntou Laura.

— Quem sabe?!

— Brevemente o saberemos. Redargui Paulino.

— É Fernando! balbuciou Eduardo, em voz baixa.

— É meu irmão! tornou a menina, olhando o esposo que amava ternamente.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Conclusão.

XIX

O PRESBYTERO.

Já lá vão dois mezes depois que Paulino, tranquillo, aperta cada dia o seu filho nos braços.

A esposa que sonhara, é felizmente sua esposa.

O Filho da Tormenta não abandonou os seus amigos, e viu com prazer celebrar-se o casamento de Eduardo e Laura.

Tinham passado dois mezes. Os noivos eram tão venturosos que nem sequer se lembravam dos tormentos com que o Senhor os opprimira, para deixar-lhes depois apreciar dignamente a realização de tão sonhadas felicidades.

Paulino, comtudo, sempre triste, parecia trazer encadeada ao coração uma grande vergonha; cada instante em que apertava ao peito o filho que amava, sentia que todo o fogo d'alma se lhe retratava na fronte que abrasava; as lembranças do passado vinham sempre cravar-se-lhe fundas no espirito, e trazer-lhe ao presente as magoas terriveis do passado.

As recordações de Fernando avivavam ainda a sua dor. Tinha receio de o ter feito infeliz; temia que não podesse o tempo curar a ferida profunda que o amor lhe abria no peito aos vinte annos, e que fosse o desditoso achar a morte em longes terras.

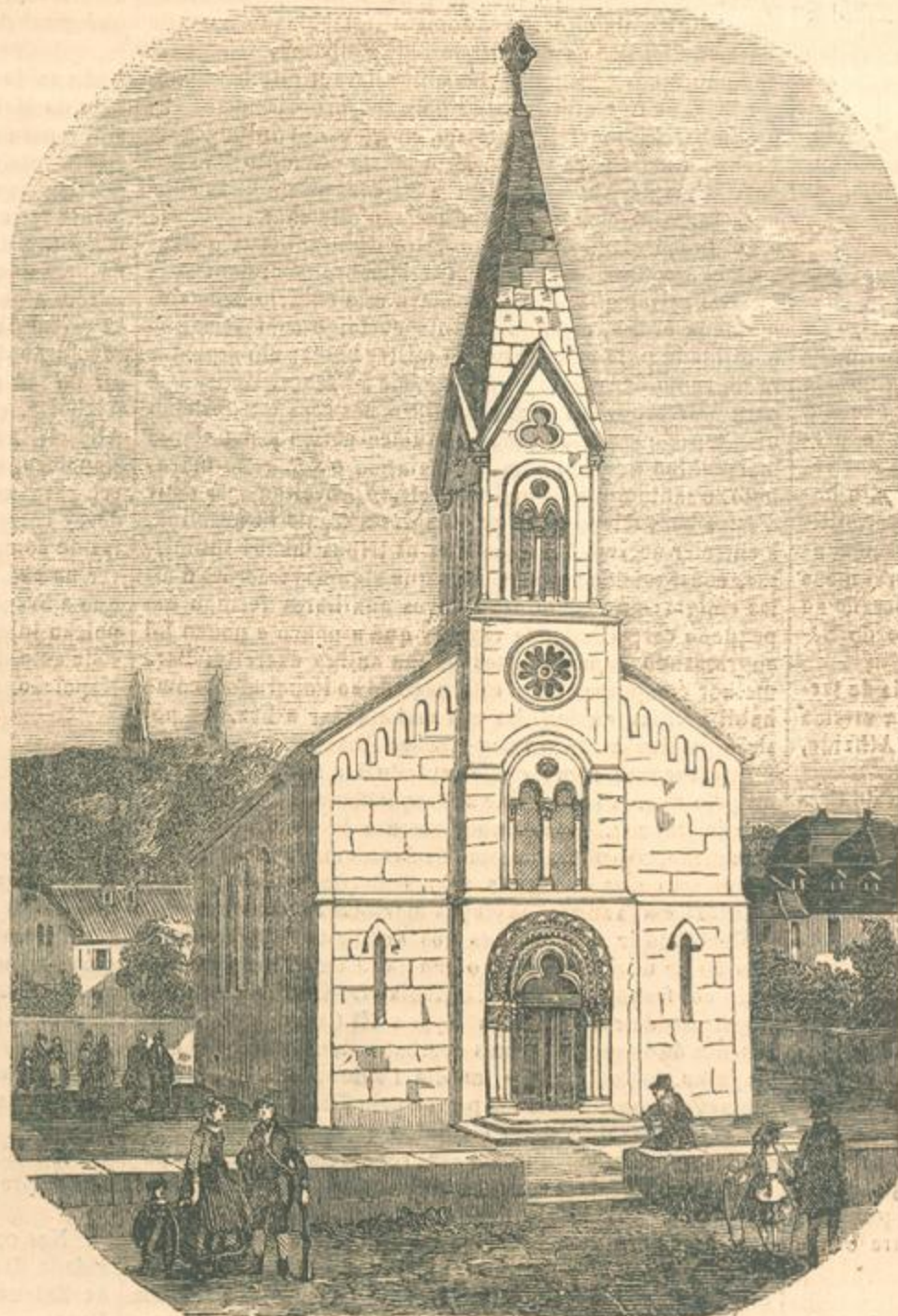
Havia dois mezes que Laura era feliz. Havia dois mezes tambem que Fernando partira da casa de seu pae.

Tinham dado duas horas da tarde.

A viração começava a agitar as folhas dos arvoredos, e os raios do sol, em declinação, a queimarem com menos ardor.

Luiza, sentada, bordava um crucifixo, e Paulino olhava-o attento, com a mais sincera e leal devoção. Junto d'elle Eduardo esentava Laura, que lia o livro incomparavel e sagrado — a Biblia.

Um criado chegou, e entregando uma



Novo templo de Saint-Dié.

Alguns momentos depois, um mancebo pallido, sem ter nos olhos nem sequer o brilho das lagrimas, porque tinha na fronte os vivos signaes da resignação, e que um habito negro envolvia até aos pés, apparecia á porta.

O symbolo da coroa d'espinhos com que cingiram a fronte augusta do Regenerador da humanidade alvejava-lhe sobre a cabeça.

Era Fernando.

— Fernando! exclamaram todos.

Alguns padres o acompanhavam.

Dentro em pouco elle estava nos braços de seu pae, e abraçava todos os amigos que encontrava. Esquecendo em nome do sacerdocio antigos odios, só divisava em cada um d'elles um amigo e um irmão.

— D'este modo, filho, disse o velho, quando te julgava na Italia...

— Quando se não pode ser feliz na terra, redargui Fernando, que ao menos se conquiste no mundo a felicidade do ceo!

E as lagrimas queriam debruçar-se dos olhos do presbytero, fazendo-lhe vergar a sua coragem.

— Essa resolução... dizia ainda Paulino.

— Foi desde o momento em que tornei a mim do meu delirio.... atalhou Fernando; se eu vol-a communicasse quereris talvez dissipal-a, e estava já enraizada n'alma. Estas vestes negras attestam o luto da minha alma, são a minha sepultura, que eu arrasto pelo mundo. As illusões dissiparam-se uma a uma! Eu não nasci para a ventura! Não podia viver só, sem a benção de meu pae, sem os affectos de... de minha irmã!... Mas não podia aqui tambem extinguir este sentir d'alma, porque não cabe nas forças do homem isolado apagar a chamma que ateara o anjo decaido! Pedi forças a Deus... Votei-lhe a minha vida para que me desse o poder de a aniquilar... Heide tel-o. Essa luz de felicidade que antevi na coroa de rosas d'encanto que me cingisse á fronte um anjo do ceo, vi-a dissipar-se ao pronunciar as palavras que me separavam do mundo, e que me davam ao serviço do Senhor. A flor das minhas esperanças, tão bella e viço-

sa, vi-a murchar-se resequida na solidão do sacerdocio... O meu porvir, a minha ventura, a minha felicidade... fui depol-as aos pés da cruz d'aquelle que morreu por nós, e pedir-lhe que me alliviasse tambem da minha cruz tão pesada!... Quando estou só, tenho Deus ao meu lado, que me conforta e anima... tenho esperanças que nos veremos todos no ceo!

E avançando sosegado e firme, tomou os braços de sua irmã, e apertando-a ao coração, bradou:

— Laura, minha irmã, abraça-me e perdoa-me!

No rosto de todos que o ouviam brilhavam os prantos de viva dôr.

— Eduardo, meu amigo, meu irmão, proseguia vagarosamente, é a minha unica irmã, é a flor viva e pura da minha vida, dei-t'a eu... dá-lhe tanta felicidade como a Providencia me concedeu em dôr!

Eduardo não respondeu; apertou-lhe a mão em silencio.

— Filho, filho, mas que será de ti?

— Os braços da religião são o throno do arrependido, respondeu Fernando a seu pae; são o pedestal em que se hão de levantar um dia bemaventurados; são o caminho de Deus!... Vá... quem foi tão rico de crimes, que seja ao menos rico tambem de arrependimento.

— Dicta-me um dever tremendo! pensou o Castigo do Senhor.

— Vamos! repetiu Fernando.

E apertando a mão a seu pae, e olhando para Laura, dispunha-se a partir.

— Meu irmão, meu irmão! exclamava Laura, suffocada em pranto.

— Abraça-me ainda... é a ultima vez na terra!

E apertando ao coração a irmã que tanto estremecia, partiu precipitadamente.

Tudo ficou silencioso.

Paulino, encostado á mão, chorava.

— Algum tempo depois, (continuou Bertha, como aproximando-se do fim da sua historia) partia Fernando para o novo mundo, a propagar a fé e a religião a que se votara arrependido. Dizia-se depois, que lá morrerá martyr, ganhando no mundo o seu lugar no ceo.

Não foi de grande duração aquella magoa no palacio, porque veio um novo desgosto dar ao esquecimento o que já estava mais longe.

Paulino havia desaparecido.

O coração da esposa e dos filhos, retalhados de magoa tão funda, soffreram agora mais do que nunca.

O Filho da Tormenta foi escolhido para por toda a parte indagar novas d'elle.

Chegado ao porto de Lisboa, soube que um navio se fizera de vela havia poucos dias. Interrogou os nomes dos passageiros, e não ouviu o do seu amigo.

As pesquisas continuaram.

Ao cabo d'alguns mezes, voltando a Lisboa encontrou n'uma hospedaria, em que se demorara dias, o capitão do navio que partira pouco antes da sua primeira chegada á capital.

Depois d'alguma conversação, mais ou menos frivola, soube que elle ia ás proximidades de Leiria, afim de entregar a um tal Theodoro uma carta, que suppunha, elle capitão, ser de grande urgencia.

Theodoro affirmou ser elle o proprio.

O capitão, depois d'alguma hesitação, entregou-lhe a carta, que era concebida n'estes termos:

«Theodoro — Fernando disse: Quem foi tão rico de crimes, que ao menos seja rico tambem de arrependimento. — Quem peccou como eu... morre!... Esta mesma noite o mar guardará o meu segredo... Occulta tudo a minha esposa e filhos. Adeus... chora-me, e perdoa-me como espero que Deus me perdoará. Não nos veremos mais na terra, porque o prohibem as leis dos homens... talvez que nem no ceo, porque o não permittirá Deus tambem; mas manda a justiça divina que nos encontremos todos no valle de Josaphat; lá abraçarei meus filhos quando a voz do Eterno me trouxer do oceano ao julgamento final. Adeus. — Paulino, o Castigo do Senhor.»

— Recebi esta carta, disse o capitão, n'um dia de tarde. Pareceu-me estranho, mas guardei-a. N'essa mesma noite esse homem, que dera o nome de Pedro d'Athaide, deitou-se ás ondas... Não se pôde salvar.

Ninguém no palacio da Encosta soube do fim do Castigo do Senhor. Uma esperanza vivia sempre no espirito dos desditosos; só Theodoro sabia a verdade tremenda, mas esse era fiel á ultima vontade do amigo.

O tempo, assim como destruiu Carthago e Corintho, fazendo d'ellas uma lembrança apenas, e como alevanta do chão dos desertos uma nação ou um imperio; o tempo, que tem visto nascer as sociedades e marcharem de transformação em transformação, ora agigantando-se ora destruindo-se, pode tambem pelo seu roçar constante gastar na memoria magoas tremendas.

O tempo corre, e os habitantes do palacio eram felizes, guardando sómente no espirito uma saudade pura e santa, pelo desditoso que amaram tanto, e que os deixara.

Bertha concluiu assim a historia do Castigo do Senhor, e eu cumpri o meu desejo de a dar ao publico; desejo que o publico me perdoará se porventura o não achar justo.

Está escripta e publicada.

Já não tem remedio. F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

ABD-EL-KADER.

Conclusão.

Até á guerra santa de 1839, o emir, sempre com o fito em Constantina, aproveitou-se habilmente da anarchia que lavrava pelas tribus de Tittery e Hamza, para intervir nas suas contendas, e apoderar-se d'uma porção do territorio situado nas extremas da provincia de Constantina. Era uma violação directa do tratado; porém Abd-el-Kader, que não queria ainda n'essa occasião arremessar a mascara, preferiu toroar as *Portas de ferro*, a posar-se da cidade á viva força. E apesar de pouco escrupuloso, accusava incessantemente os francezes de falta de fé, e representava-se como victima da sua fidelidade aos compromissos. Reclamava, portanto, n'este presuppuesto, que se lhe entregasse Blidah e Coleah, e no entanto que esperava esta restituição ia levantando impostos nas duas referidas cidades.

Achavam-se as coisas n'este ponto quando o governo francez intendeu conveniente castigar o perfido alliado. Principiou a guerra, algumas vezes feliz, como foram as expedições de Médeah, e a passagem da garganta de Mouzaia, porém de ordinario lenta e difficil, até ao dia em que passados dez annos de hesitação, crueis experiencias e sacrificios inuteis, o marechal Bugeaud estabeleceu em Argel esse systema de guerra mobil, que dentro em pouco devia abarcar o paiz n'uma rede de ferro. Abd-el-Kader, cedendo a esta tactica superior, viu-se forçado a combater na provincia de Oran, berço do seu poder. Foi então que principiou a guerra das tribus. Durante o inverno de 1841-1842, vigorosos esforços obrigaram as tribus da Metidja a submeterem-se. O outono de 1842 viu as tropas francezas avançarem até á provincia de Oran, e multiplicarem-se as submissões, perdendo Abd-el-Kader terreno, mas representando ainda um papel importante. Durante o inverno de 1843, o emir apresentou-se na parte mantanhosa da Kabylia que separa Cherchell de Milianah, sublevou os Beni-Menacer, incitou á resistencia os Ouarenses, no valle do Cheliff, e no pequeno deserto. O general Changarnier foi encarregado de combater o emir. Sete columnas, habilmente dirigidas percorreram o paiz, e castigaram a revolta. Cinco mezes depois desde Teniet-el-Had até Milianah, do deserto até Arzel, só havia, segundo a expressão arabe, *paz e bem*. Em 16 de maio de 1843, o duque de Aumale, pelo brilhante feito d'armas em Ain-Taguin apoderou-se da *smala* de Abd-el-Kader, e tambem das dos seus kalifas. A contar d'este dia, o chefe arabe não foi mais do que um fugitivo perseguido pelas columnas francezas a tal ponto que nem uma unica noite pôde repouso na sua tenda. A 11 de novembro os seus recursos consistiam unicamente n'um batalhão regular de oitocentos homens, estacionado no valle d'Ou-ed-Malah, ás ordens de Sidi-Embark. O general Tempore e o coronel Tartas aniquilaram este batalhão, e o brigadeiro Gerard matou pela sua propria mão a Sidi-Embark, logar-tenente do emir, e dos inimigos da França o mais para temer. Esta morte esfriou o zelo dos partidistas de Abd-el-Kader, e foi causa de muitas submissões. Abd-el-Kader reconhecia n'este chefe, que era o seu braço direito, e seu superior como militar, o irresistível ascendente que elle exercia sobre os arabes.

Era assim que se desmoronava este edificio da nacionalidade arabe, erguido a tanto custo, e com tamanha habilidade pelo emir. Foi lhe mister buscar um asylo fora do reino d'Argel que já pertencia á França. Retirou-se para Marrocos. O imperador viu-o nos seus estados com uma especie de desasosiego e ciúme; porém a população marrochina acolheu com enthusiasmo o venerado marabuto, o santo adversario dos infieis. Aproveitou-se o emir d'estas boas disposições para vigiar a fronteira argelina, e entreter activas relações com as tribus menos submissas, conseguindo por este meio que algumas fracções d'ellas emigrassem. Com estes novos auxiliares formou um pequeno corpo de tropa regular que a pouco e pouco foi engrossando com os restos do seu antigo exercito. Para melhor comprometter n'este negocio ao imperador, como hábil politico enviou-lhe um embaixador a Fez, e a posição particular de Mouley-Abd-er-Rhaman, não lhe permittiu recusar como chefe espiritual a sua aprovação, ou pelo menos tolerar-lhe as frequentes excursões no territorio francez. Este comportamento do imperador foi, e com razão, considerado como declaradamente hostil. Apesar mesmo das energicas representações da diplomacia franceza em Tanger, as tropas marroquinas coadjuvaram Abd-el-Kader nos ataques aos arrebaldes de Tlemcen. Em 10 de maio de 1844, o general Lamoricière foi atacado em frente de Lalla-Maghrnia. O marechal Bugeaud depois de dar uma severa lição a El Guennaoui, logar-tenente do imperador, nos combates de 15 de junho e 13 de julho, bateu em Isly, no dia 14 de agosto, as grandes massas commandadas em pessoa pelo filho do imperador.

O tratado de Tanger estipulou a expulsão de Abd-el-Kader; porém cercado dos seus regulares, sustentado pelos emigrados da Argelia, e pelos montanhezes fanaticos de Riff, o emir estava mais solidamente estabelecido em Marrocos do que o proprio imperador. Ameaçando assim o poder d'Abd-er-Rhaman, preparou uma nova insurreição que rebentou em 1845. Bugeaud achava-se então em França, e correu á primeira noticia, para inaugurar a

campanha de 1845-1846 que foi decisiva para a occupação franceza. A insurreição abrangia todo o reino de Argel. Bou-Maza, propheta da mais infima ordem, charlatão de baixo nascimento que pretendia rivalisar com Abd-el-Kader, conflagrou o territorio dos Flittas da planicie da Mina, junto a Mostaganem, até aos limites do Tell. Todas as tribus desde a fronteira de oeste até além dos Kerraich, imitaram este exemplo. O emir, por sua parte, sublevou a poderosa tribu dos Ouled-Nail, e avançou atrevidamente até ao territorio dos Issers, a dez leguas de Argel. Foi o ultimo esforço do Islamismo. Abd-el-Kader foi arrojado para Marrocos, e o seu ultimo passo na fronteira franceza calçou o sangue dos prisioneiros assassinados por sua ordem. Debalde tentou elle negar sua participação n'esta carnificina humana. Se o emir, um dia, deu a liberdade, sem condição alguma, a oitenta francezes; se, n'outra occasião, concedeu ao bispo d'Argel, monsenhor Dupuch, uma troca de prisioneiros, não se louve a sua humanidade, e sim a sua politica. Deve saber-se que este heroe, que em França pretenderam adornar de todas as grandes qualidades do guerreiro christão, nunca comprehendeu a luta com os infieis senão debaixo do mesmo ponto de vista que os outros arabes. Elle proprio se intitulava o *decepador das cabeças dos christãos pelo amor de Deus*.

Pelos mesmos motivos de habilidade politica, o emir mostrou mais de uma vez para com os seus uma generosidade que não é propria do character arabe. Durante a expedição d'Ain-Madhy, que durou mais de oito mezes, Abd-el-Kader deixara sua familia em Milianah, sob a guarda do seu logar-tenente Sidi-Embark. Lalla Kherra, mulher do emir estava pejada de seis mezes quando elle voltou. O amigo a quem Abd-el-Kader confiara a sua honra tinha-lhe trahido a confiança, e o emir perdoou á esposa adúltera: a sua vingança recaiu sómente em dois escravos, culpados de terem favorecido estes criminosos amores, e aos quaes o governo francez teve a fraqueza de conceder a extradição. Sidi-Embark procurou um asylo na Kabylia, e mais tarde conseguiu se lhe perdoasse a traição pela sua brilhante parte, durante quatro annos, na luta que recommençou em 1839. Abd-el-Kader, habil politico, soube esquecer os odios de homem particular, e conservou assim á resistencia arabe o chefe, que ainda mais que o proprio emir, era a alma e o braço.

O imperador de Marrocos não podia tolerar no seu territorio aquelle que lhe attrahira uma vergonhosa derrota, e que até mesmo ameaçava a sua autoridade religiosa. Em 9 de dezembro de 1847 o emir foi intimado a depor as armas; e apesar de não ter mais de mil e oitocentos homens, tomou o partido desesperado de atacar os acampamentos marrochinos. Em a noite de 11 lançou n'elles a confusão fazendo-os atravessar por camellos que arrastavam materias inflammadas. A 12, porém, um ataque geral dos marrochinos opprimiu o pequeno exercito, cujos restos ficaram encerrados n'um circulo, que só tinha saída para a fronteira franceza. Arrojado do outro lado da Malonia, restava-lhe ainda salvação fugindo sózinho para o deserto; porém a sua familia caía irremissivelmente em poder do general Lamoricière, que occupava todas as passagens. Rendeu-se pois, pedindo tãmsómente ser conduzido para Alexandria, ou para S. João d'Acre. Esta condição foi accetada pelo general, e ratificada pelo duque de Aumale, governador geral da Argelia; porém a politica não podia então consagrar esta generosa promessa. O emir foi conduzido ao forte Lamalgue. A revolução de fevereiro não lhe quebrou os ferros, e apesar do seu protesto, deu-se-lhe por prisão o castello de Amboise, e depois o de Pau. A 25 de dezembro de 1848 Abd-el-Kader dirigiu nova reclamação ao principe Luiz Napoleão. O presidente da republica não estava então livre para uma decisão tão grave. Debalde lord Londonderry recordava em suas cartas ao principe os sentimentos de compaixão e generosidade que lhe deixara entrever na sua intimidade: sómente foi á volta da viagem em que a França inteira o acclamou imperador, que Luiz Napoleão julgou poder libertar o antigo inimigo da França. Este acto de clemencia, que honrará para sempre Luiz Napoleão, só podia descer de um poder incontestado.

SPÁ NA BELGICA.

N'um dos passados numeros mencionámos o pouco que havia a dizer a respeito de Spá, sita na provincia de Liege, e que só tem nomeada em razão das suas mui frequentadas aguas mineraes; não são notaveis por singularidade ou magnificencia de architectura os seus edificios; a sua industria, bem como o commercio, é limitada. Damos hoje a vista geral da cidade.

M.

A leitura, com meditação, produz a sciencia; sem ella, o charlatanismo.

A leitura é o prazer do sabio; rodeado de livros, vive sempre em sociedade.

Nos costumes dos povos produz melhor effeito a suavidade das penas, que a sua ferocidade: as leis brandas de Zaleuco provaram melhor, que as sanguinarias de Draco.

COROAÇÃO DO IMPERADOR ALEXANDRE II
EM MOSCOW,

III

Conclusão.

Finalmente no dia 7 de setembro teve lugar a coroação. Uma salva de vinte tiros, e o repique dos sinos da igreja da Ascensão e mais templos da cidade, serviu de signal ás pessoas que tinham de tomar activa parte na cerimonia para se apresentarem nos pontos e postos marcados no programma. Junto á escada Krasnoi Krilzo no pateo do Kremlin, estava o palio sob o qual SS. MM. II. seriam conduzidos ao templo. Era côr de laranja com adornos de aguias imperiaes, e no centro viam-se as armas do antigo imperio russo, e tambem as de Kasan, Astrakan, Polonia, Siberia, Tauria, Kiew, Vladimiria, Nowogorod e Finlandia, e varios emblemas.

As oito da manhã reuniram-se os representantes das potencias estrangeiras no palacio do conde de Morny. Ás nove começou-se a notar certo movimento na multidão que cobria o pateo exterior. A guarda civil abriu o caminho para a entrada das carruagens dos embaixadores. Vinha na frente o magnifico coche do conde de Morny acompanhado do primeiro secretario da embaixada, e seguido dos aggregados etc., todos vestidos de gala. Seguiu-se o de lord Granville, representante da rainha Victoria, acompanhado de sua esposa. O lord vestia o uniforme de Windsor e sua esposa fulgurava com a profusão de joias que a adornavam. Contavam-se no seu sequito o Marquez de Stafford e sua esposa, o conde de Lincoln, o coronel Hardinge, os lords Gower, Ward, Ashley, Seymour, Cavendish, Dalkeith, e outras notabilidades do reino unido da Grã-Bretanha. Foram todos, assim como os membros da embaixada ingleza, conduzidos por um empregado da camara do imperador aos seus respectivos logares. Seguiu-se depois o embaixador d'Austria, o principe Paulo Esterhazy, personagem d'uma physionomia verdadeiramente regia. Vestia de veludo côr de castanha, com o fato todo bordado a perolas e pedras preciosas. Especialmente o chapeo era de uma riqueza incalculavel, e a presilha excitaria invejas até a um rei. As botas, tambem de côr de castanha, eram guarnecidas de diamantes. O sabre, o cinturão, e as esporas brilhavam com magnificas perolas. O coche onde ia era de construcção antiga, mas de summa magnificencia, e assim tambem as librés dos lacaios, e os uniformes do seu numeroso sequito.

O dia estava formosissimo, e nem a mais pequenina nuvem escurecia o horizonte. Seriam dez horas quando no topo da escada principiou a apparecer a cabeça de uma grande procissão, e ouvia-se ao longe o ribombo do canhão. Em primeiro lugar vinham alguns mestres de ceremonias, gentishomens, e depois a imperatriz viuva Alexandra, encostada ao braço dos seus dois filhos, os grã-duques Nicolau e Miguel. Trajava um vestido de moaré branco, manto imperial de arminho, cuja cauda ia segura por dois altos dignatarios, e na cabeça trazia uma corôa guarnecida de montes de diamantes. Atraz d'esta augusta senhora vinham os jovens grã-duques e grã-duquezas, os principes estrangeiros que tomaram parte n'aquella festa, e grande numero de damas de honor, todas em traje nacional, manto de purpura, e um adorno muito elevado na cabeça, proprio da Russia, feito de veludo, e enfeitado com perolas e pedras preciosas. A tropa apresentou armas, e o clero da cathedral, que estava collocado ao lado do sul, saudou reverentemente a imperatriz, que depois de o prelado superior lhe administrar á agua benta, entrou no templo, e foi occupar o solio de Alexis Micaïlowtsetsch, collocado á direita do throno do imperador.

No entanto resou um festivo repique em todas as torres de Moscow. Apenas o sequito da imperatriz entrou no templo, viu-se sair do palacio uma secção de cavalleiros da guarda, commandada por dois chefes, e a procissão imperial teve principio na seguinte ordem: Quarenta e oito pagens, dois mestres de ceremonias, os representantes dos colonos do estado, um por cada governo ou provincia; depois os respectivos aos colonos das terras do patrimonio imperial, vestidos todos em traje antigo russo, que são umas sobrecasacas largas, chapeos de aba larga, e entre elles alguns com barbas de disforme comprimento; marchavam de tres em tres. Seguiam-se os representantes dos *guildes*, ou corporações mercantis da Russia e Polonia, negociantes estrangeiros, empregados municipaes e membros do conselho da industria: um cortejo de doutores em medicina e jurisprudencia, empregados do governo, os reitores das universidades, directores dos theatros, os representantes de todas as raças dos cossacos, os marechães da nobreza, os deputados pela Polonia e Finlandia, mestres de ceremonias, reis de armas, um general condecorado com a ordem de Santo André, outro (Gortschakoff) que levava a espada do imperio, um terceiro com a bandeira, outros generaes com o sello do estado, e os mantos do imperador e da imperatriz, o globo do imperio e as duas corôas de diamantes, com uma escolta de honra a cada insignia, composta de granadeiros da guarda. Depois vinha uma secção de cavalleiros-guardas, um marechal da corte, o grã-marechal do im-

perio, e o archi-marechal da coroação. Finalmente o palio debaixo do qual marchava o imperador, que foi recebido com tão estrepitosas aclamações, que abafaram o som dos sinos, dos clarins, e das caixas de guerra. Diante do imperador, que trajava uniforme de general e que levava a ordem de Santo André, marchavam os sacerdotes com vasos de ouro, dos quaes um arcebispo tomava com o hysope a agua com que ia aspergindo a alcantifa que atapetava o chão. Ás varas do palio iam generaes, e coroneis de regimento com a gradação de marechães de campo. Na retaguarda do imperador vinham os seus ministros, e ajudantes generaes, seguidos do chefe superior do corpo dos cavalleiros-guardas, com a espada desembainhada. Este official, general do exercito, é de alta estatura, ainda mais realçada pelo capacete de ouro que remata n'uma aguias de prata. O seu uniforme é branco, com gola e vivos escarlates.

O imperador desceu a passo mui demorado a escada. Na segunda subdivisão do palio vinha a imperatriz rodeada de treze damas de honor. A sua appareição foi o signal de estrepitosas aclamações dos espectadores. Vinha ataviada com muita simplicidade, trajando vestido branco como a imperatriz mãe. No seu aspecto havia uma doçura, uma graça, uma dignidade que captivou todos que a viram. Notava-se-lhe no semblante intima commoção e profundo enternecimento. Uma secção de cavalleiros-guardas seguia immediatamente ao palio, e apoz estes os representantes da alta nobreza moscovita, marchando a tres de fundo. Vinham depois os artistas, os industriaes, a corporação dos *guildes*, e o cortejo fechava com outra secção de cavalleiros-guardas. O ruido das armas, o clangor dos clarins, o rufar dos tambores, o som das numerosas bandas de musica, as aclamações do povo, os vivas dos soldados, o repique dos sinos, e o estampido dos canhões confundiam e entorpeciam os sentidos.

Os arcebispos de Moscow e Nowogorod, que precedentemente haviam abençoado os estandartes do imperio, receberam a SS. MM. á porta do santuario. O primeiro apresentou-lhes um relicario que os imperadores beijaram, no entanto que o segundo os aspergiu com agua benta. O czar, inclinando-se por tres vezes, á direita, á esquerda, e em frente, saudou humildemente o patriarca. Este abençoou, a seu turno, o soberano, e dando se um reciproco osculo, subiram ambos ao mesmo tempo para os seus thronos.

Entremos tambem no templo para assistir á cerimonia, que no conceito do povo russo é eminentemente sagrada. Effectivamente, a coroação de um imperador moscovita tem mais significação religiosa do que politica. Na opinião de um russo é a santificação do poder absoluto de um homem sobre setenta milhões de seus semelhantes: um poder não sómente civil, mas tambem espiritual, supremacia exercida hoje por um principe de caracter doce, benevolente e pacifico.

Eis-nos no interior do santuario. Para onde quer que se dirija a vista brilha o ouro. Edifica-se o espectador contemplando os quadros allegoricos do Apocalypse, ao passo que da cimeira da abobada uma effigie colossal do Redemptor está olhando para todos que ali concorrem. Acham-nos cercados de imagens sagradas e reliquias. Defronte de nós campeiam, n'um espaçoso estrado, o throno do czar Ivan III, que conquistou o Nowogorod, e livrou o paiz do jugo dos tartaros, e o do czar Miguel Federowitch I, da dynastia de Romanoff. Estes dois thronos são logo occupados pelo imperador e imperatriz. A imperatriz mãe sentou-se, como já dissemos, sob um docel, á direita do imperador. Á esquerda tomaram assento os embaixadores conde de Morny, lord Granville, o principe de Esterhazy, e o principe de Ligne; e por detraz d'estes os representantes das outras potencias; e no terceiro plano os respectivos secretarios e aggregados. Não permitindo as crenças religiosas aos representantes da Persia e da Turquia entrar nos santuarios christãos, occuparam elles fora da cathedral uma tribuna adrede construida para esse fim. Á direita, no templo, estavam os membros da familia imperial, e as damas de honor. No fundo, isto é por detraz do throno, os senadores do imperio, os membros do santo synodo, o conselho de estado, os ministros, os marechães da nobreza, e os generaes do exercito. SS. MM. entram no interior do templo, separam-se do seu sequito, prostram-se ante o altar, beijam as reliquias que se lhes apresentam, e vão occupar seus thronos. Depois, Philaret, o metropolitano de Moscow, sobe os degraus do throno do imperador para lhe entregar um livro aberto no acto de fé. O imperador lê-o com voz firme, e recebe a benção. O coro, que até então estivera em silencio, entoa um hymno em acção de graças.

Em seguida os metropolitanos de Nowogorod, Kiew, e S. Petersbourg apresentam-se ao imperador, levando em riquissimas almofadas o manto imperial, e ajudam-o a revestir-se. Depois cingem-lhe a corôa imperial, e entregam-lhe o globo do imperio e o sceptro, e o imperador senta-se no throno. Aproxima-se então a imperatriz, e ajoelha diante do seu esposo. Este tira a sua corôa e toca ligeiramente com ella a fronte da imperatriz, e depois de a tornar a collocar na propria cabeça, pega de outra mais pequena que assenta na fronte de sua esposa, e igualmente a reveste com o manto imperial e a ordem de Santo André; abraçando-a por fim affectuosamente. Este abraço é o signal para os membros da familia imperial e os principes estrangeiros felicitarem a SS. MM. Esta sce-

na de intimo affecto, no meio d'aquelle ceremonial de meras formalidades, foi extremamente terna e arrancou lagrimas.

Não concluiu, porém, ainda o acto: pelo contrario, faltava a parte mais importante. No meio de profundo silencio desceu o imperador do throno para se dirigir ao presbyterio. Ahi o esperava o metropolitano de Moscow com um vaso contendo o oleo bento. Estendendo o braço ungiu com o sagrado oleo, servindo-se para isso de um palmito de ouro, a testa, as palpebras, os ouvidos, o nariz, e o peito do imperador, dizendo as seguintes palavras: *Recebe o dom do Espirito Santo*. Isto envolvia até certo ponto a investidura religiosa do czar como cabeça da igreja do estado. Com ella recebeu pois pelo ministro do Altissimo a missão de cuidar tambem no bem estar espiritual do seu povo. Era agora o ungião do Senhor, o enviado do Omnipotente, o summo sacerdote da sua igreja, finalmente imperador e patriarca. Uma salva de artilheria, o rufo dos tambores, e o toque das trombetas annunciaram á multidão, reunida fora do templo, a consummação do acto sagrado. No entanto a imperatriz havia ajoelhado para receber a consagração, e foi somente ungiu na testa. Acto continuo SS. MM. receberam do arcebispo o Sacramento da Eucharistia, e o coro entoou outro hymno de acção de graças.

O imperador e a imperatriz volveram outra vez aos seus thronos, e então principiou o santo sacrificio da missa. Concluido o culto divino, o imperador desceu do solio, inclinou-se á direita e á esquerda ante os altos dignatarios do imperio, o clero, e os embaixadores, e depois acompanhado de sua augusta esposa, dirigiu-se á cathedral de S. Miguel, e d'ahi ao templo da Annunciação, onde fizeram as orações prescriptas. Depois entre vivas e gritos de *Deus conserve o imperador*, o cortejo imperial regressou a palacio. Um banquete esplendido no salão do throno terminou a cerimonia do dia da coroação.

No dia 10 houve beijamão; no dia 11 preces especiaes pelo imperador e prosperidade do seu reinado, e á noite funcções theatraes; no dia 12 banquete ao alto clero; no dia 13 banquete a todos os marechães da nobreza, deputados das tribus asiaticas, empregados do palacio, membros da municipalidade de Moscow e generaes. A 20 teve lugar uma grande festa popular, e a 30 terminaram os festejos com magnificos fogos de artificio, e um concerto monstro, sob a direcção do celebre Lwow.

OS PEIXES ELECTRICOS.

O estudo da electricidade animal tem chamado a attenção de todos os physicos modernos, desde Galvani até Duchenne e Bois-Reymond. Um dos casos mais notaveis de electricidade é o que apresentam alguns peixes, que tem a propriedade de produzirem fortes commoções nos individuos que os tocam: estes peixes são por isso chamados peixes electricos. O tetrodon, o trichiurus, o gymnoto e a tremelga (especie de raia) são os peixes electricos mais notaveis. Habitam uns no Nilo e outros rios de Africa, outros em certos rios da Asia; a tremelga nos dois mares que banham as costas da Europa, no golpho Persico, oceano Pacifico etc., e o gymnoto no Mediterraneo, Africa occidental, e America meridional. Os dois ultimos tem sido muito mais estudados e são mesmo os mais notaveis. Becquerel e Brechet na França, Matteuci na Italia estudaram a tremelga, Humboldt e Bompland na America do sul, e Faraday na Inglaterra estudaram o gymnoto; Geoffroy Saint Hilaire fez observações nos que habitam o Nilo.

O peixe electrico prepara o seu fluido em um aparelho especial cuja anatomia tem sido objecto de muitas indagações. O orgão electrico acha-se aos lados da cabeça do animal, parece ser formado de duas partes symmetricas, unidas anteriormente, e separadas da pelle por uma forte aponevrose. Pelo lado interior estão presas aos ossos do craneo. A structura do orgão electrico é muito notavel; é formado d'um numero infinito de vesiculas cheias d'um liquido constituido em dez partes por nove d'agua, e o resto é albumina e sal marinho.

O cerebro do animal influe directamente na producção da electricidade, porque tirado elle acaba a producção.

Outros animaes tem orgãos semelhantes aos que acabamos de descrever, porém tão rudimentares que não podem dar lugar aos mesmos phenomenos.

Foi Bancroff o primeiro que attribuiu á electricidade a commoção que se sente quando se toca um peixe electrico, a qual pode ser bastante intensa para produzir a paralysis dos braços durante alguns minutos.

A commoção que o animal produz serve-lhe para o ataque e para a defesa. Na America meridional, destroem os fazendo-os combater com os cavallos selvagens; tem lugar então um combate terrivel que Humboldt presenciou e descreveu do modo seguinte:

« Na manhã de 9 de março partimos para a aldêa de Rastro de Abaxo, d'ahi os indigenas nos conduziram a um rio cercado de magnificas arvores e que durante a estação calmosa forma uma bacia d'agua lodosa. N'esse rio havia uma grande quantidade de gymnotos. Pescar os gymnotos á rede é operação difficil porque são muito ageis e introduzem-se no lodo. Não se quizeram empregar raizes de plantas que tendo uma tal ou qual acção toxica so-

bre estes animaes os enfraquecem notavelmente e facilitam a pesca. Os indigenas diziam que iam pescar com cavallos. Admirados ficámos quando tal ouvimos dizer, mas dentro em pouco os nossos guias que tinham ido bater o matto traziam adiante de si coisa de trinta cavallos selvagens que se precipitaram no charco.

« O ruido produzido pela entrada dos cavallos faz sair os peixes do lodo e começa o combate. Os pescadores collocam-se em torno do charco para obstar á saída dos cavallos. Os peixes defendem-se nadando e descarregando a sua electricidade sobre os animaes que pretendem fugir. Muitos cavallos morrem porque atordoados com a força e frequencia dos choques deixam-se afogar, outros fazem todo o esforço para sair do charco e se o conseguem vê-se que vem tremulos, e com os membros em tal estado de torpor que caem e ficam deitados sobre a areia.

Pouco a pouco a scena muda; os peixes começam a cansar, as forças perdidas só depois de muito descanso e muita alimentação se reparam, fogem para a margem do charco onde os pescadores os apanham á fiska.

Alguns d'estes animaes chegam a ter cinco pés e tres polegadas de comprimento, são semelhantes na forma ás enguias, não tem escamas; a pelle é coberta d'uma materia mucosa que conduz muito bem a electricidade.

Hoje ninguem duvida que a causa das commoções é a electricidade ordinaria; todas as experiencias o provam assim; no dorso do animal ha electricidade positiva e no ventre fluido negativo. Na descarga ha produção de fiação, e quando se faz atravez d'um fio pode elevar-lhe consideravelmente a temperatura. Se o animal é tocado com um corpo mau conductor de electricidade, como uma vareta de vidro, um bocado de lacre, etc., o individuo que estabelece o contacto nada experimenta; porém se a comunicação se estabelece com um corpo bom conductor, vg. uma haste metalica, o individuo sente immediatamente uma forte commoção.

S.

MYTHOLOGIA.

MARAMBA.

É um deus adorado em Loango, Angola, Maba, Congo etc. Representa-se d'uma estatura elevada, mettido n'uma especie de cortiço, e preside á caça, á pesca, á saúde, e á inviolabilidade do juramento. Apenas as creanças completam os doze annos, os sacerdotes ou Netquas as encerram n'um logar sombrio, e ali passam alguns dias jejuando e silenciosos; conduzem-as depois á presença do idolo, e fazem-lhes nas espaldas duas incisões em forma de meia lua; juram fidelidade a Maramba, e os sacerdotes ensinam-lhes as praticas que ellas devem observar, e dizem-lhes quaes as viandas de que se devem abster. Esta singular cerimonia de iniciação e consagração acaba com uma distribuição de imagens do deus, ou de umas bocetinhas cheias de cinzas santas, que se suspendem ao pescoço.

A justiça entra necessariamente nas attribuições d'uma divindade que vela no cumprimento da palavra jurada. Por isso o accusado é obrigado a comparecer na presença do idolo — « Olha, Maramba » — diz

o reo — « o teu servidor vem justificar-se em tua presença. » Desgraçado d'elle se é culpado, porque cae logo morto ao pronunciar esta formula sagrada. Que proveito não tirarão os sacerdotes d'esta instituição! Maramba é tambem o deus da guerra, e a sua estatua é conduzida á frente dos exercitos.

O PANDANUS NA ILHA DO PRINCIPE.

O pandanus, que a nossa estampa fielmente representa, é uma formosa arvore que se encontra na ilha do Principe.

Não ha a seu respeito descripção mais exacta do que a feita por um official da marinha franceza que visitou aquella ilha.

Diz elle:

« Uma corrente que procede dos escarpados cerros da ilha, despenhando-se de quebrada em quebrada, mantem constante humidade n'um estreito valle em que se concentra o calor produzido pelos raios do sol reflectidos sobre os flancos de duas montanhas mui proximas uma da outra. A elevada temperatura, devida a estas causas alimenta no fundo do valle a mais vigorosa vegetação. O pandanus ergue-se no sitio em que, espalhando-se n'uma limpida angrasinha, as aguas da corrente vão encontrar-se com as ondas do Oceano, que se ouve rugir perto.

« A um quarto da altura, que na ilha do Principe chega a dezeseis metros, a haste principal mede cerca de trinta cinco centimetros de diametro; d'ahi para baixo diminue gradualmente de grossura, e quando chega á agua, onde está mergulhada, não a tem maior que uma raiz ordinaria. O tronco é todo em anneis, e d'onde começa a adelgaçar saem-lhe varias raizes, formando já angulos agudos, já curvas ogivae, que igualmente mergulham n'agua. Sobre estas raizes, de estrutura e disposição singular, ergue-se a arvore, qual monstruoso reptil, dividindo-se, a dois terços de altura, em cinco ou seis pernadas, coroadas no fim de folhas compridas, carnudas, e de rijissimos bordos. »

NOVO TEMPLO DE SAINT-DIÉ.

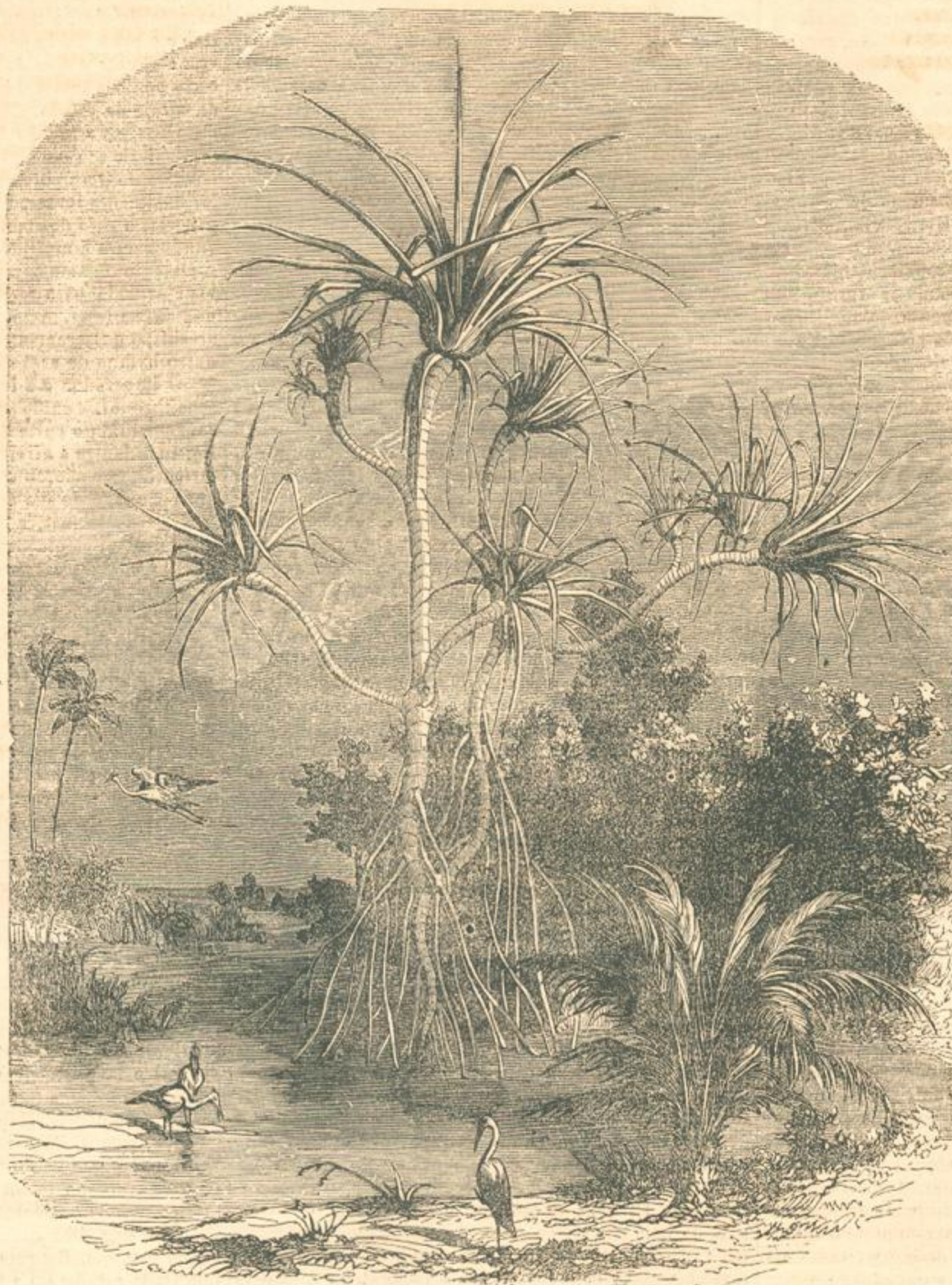
No departamento de Vosges tem a França numerosos cidadãos que professam cultos protestantes, cujo exercicio é livre pela tolerancia legal religiosa, e os seus pastores são subsidiados pelo estado.

No dia 21 de setembro ultimo foi a inauguração do novo templo de Saint-Dié tendo as obras começado ha mais de dois annos. Apesar do tempo não estar favoravel foi grande a concurrencia das pessoas das duas communhões protestantes que se intitulam evangelicas, acompanhadas de oito de seus ministros, formando um cortejo avultado, que do antigo oratorio, sala arruinada e humida, onde por vinte e cinco annos haviam celebrado suas reuniões e ceremonias, se poz a caminho para a nova igreja atravessando a cidade habitada por catholicos, que em toda a parte lhes mostrou benevolencia; tolerancia esta, inclusivamente do clero catholico, que faz muita honra á cidade episcopal dos Vosges.

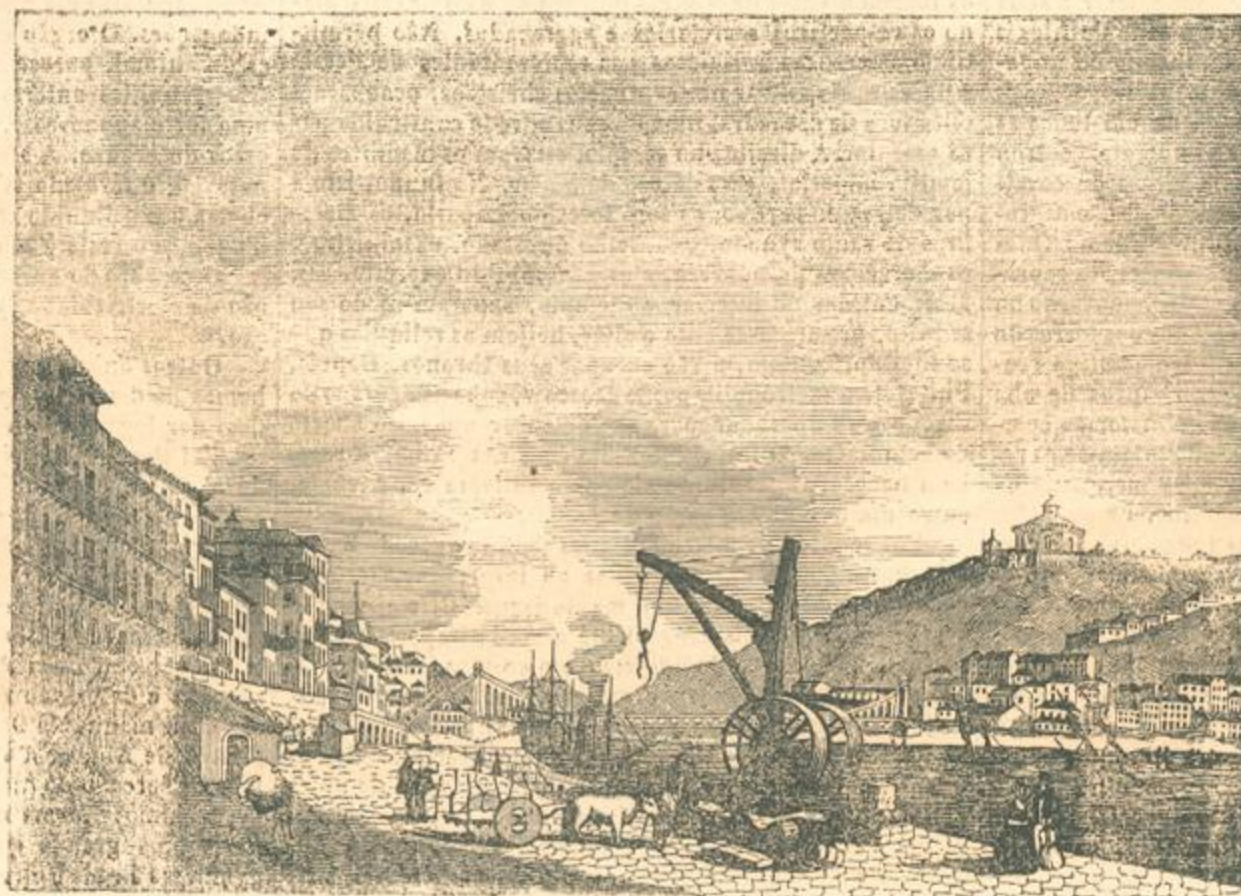
M.

A leitura das novellas irrita a sensibilidade; inquieta a alma; excita as paixões; e chega a extraviar a razão; mas não illustra o espirito, e muitas vezes deprava o coração.

A nobreza, que não é doirada, na sociedade é pouco cortejada.



O pandanus na ilha do Principe.



Cidade do Porto.

ILLUSÃO.

Moi seul je la revois, telle que la pensée
Dans l'âme, ou rien ne meurt, vivante l'a laissée.
LAMARTINE.

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pallido lume,
E que a onda brincando na praia
No murmúrio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do valle suspira
Como o nauta, da patria afastado;

Quando o bronze da torre da aldêa
Seus gemidos aos eccos envia,
E que o peito que em magoas ancêa
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra da vida cansada,
Adormece n'um leito de flores,
Qual donzella formosa embalada
Peles cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sobre as rochas erguidas
Sinto o pranto que manso desliza,
E repito essas queixas sentidas
Que murmuram as ondas co'a brisa.

É então que a minh' alma dormente
D'uma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, innocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar sosegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pópa, esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Comprehendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quizera...
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado: — não fujas, espera!

Mas o vento lá leva ligeiro
Esse sonho querido d'um dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de terna poesia!

E depois... quando a lua illumina
O horizonte com luz prateada,
Julgo ver essa fronte divina
Sobre as ondas scismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos formosos
Que em delirio procuram os meus,
E uma voz entre prantos saudosos
Vem de longe dizendo-me — adeus!

CASIMIRO ABREU.

ESTATISTICA DO TABACO.

A America e a Europa são os dois grandes productores e consumidores do tabaco. O que a Europa produz não chega para o consumo, só a Allemanha gasta annualmente quatrocentos e noventa mil quintaes!! isto é um sexto do que a Europa consome, que anda por tres milhões de quintaes, distribuidos do modo seguinte:

Austria	490000	quintaes
Allemanha	400000	"
França	260000	"
Russia	200000	"
Hollanda	60000	"
Belgica, Napoles, Estados Pontificios, Polonia e Valachia	5 a 10000	"
Sardenha, Dinamarca, e Suissa	1000	"

Como sempre olhamos para a estatistica a ver o que ha ácerca do nosso paiz e nada achamos; é realmente vergonhoso nada sabermos das nossas coisas.

A França produz hoje uma grande quantidade de tabaco; os departamentos onde é permittida a cultura são o de Pas de Calais, Nord, Ile e Vilaine, Lot e Garonne, Lot, Baixo Rhodano. Per decreto de 26 de julho de 1856 a permissão estendeu-se ás boccas do Rhodano e Var, e pelo decreto de 17 de novembro de 1854 á Gironda e particularmente ao circulo de Bordeos.

Em 1851 o estado da cultura do tabaco em França era já bastante prospero; contavam-se dezenove mil e quatrocentos plantadores, trinta e seis mil seiscentas e oitenta plantações que se estendiam sobre nove mil trezentos e vinte hectares de terra, produzindo cento e noventa milhões cento e noventa e um mil pés do tabaco, e mil setecentos e vinte e sete milhões oitocentas e vinte e quatro mil folhas pesando treze milhões quinhentos e cincoenta e quatro mil kilogrammas ou vinte e sete milhões cento e oito mil arrateis.

Na Belgica é onde o consumo do tabaco é maior; anda pelo quadruplo do que gasta a França *caeteris paribus*.

Está calculado que um francez gasta tanto tabaco como um russo, o dobro do que gasta um italiano, um terço do que consome um allemão ou um hollandez, e quatro vezes menos que um belga.

Quasi todo o tabaco que se gasta é fumado: em duzentos e cincoenta e oito individuos que gastam d'esta droga, cem cheiram e cento e cincoenta e oito fumam; assim o numero dos que fumam está para o dos que tomam rapé como cento e cincoenta e oito está para cem.

Em França ha doze fabricas de tabaco, a saber, em Paris, Lille, Havre, Morlaix, Bordeos, Tonneins, Tolosa, Marselha, Lyão, Strasburgo e Dieppe.

Hoje planta-se muito nas possessões francezas da Africa, sobretudo em Alger. A Algeria produzia em 1854 sete milhões d'arrateis de tabaco em tres mil quinhentos e sessenta e sete hectares de terra, cultivada por tres mil e duzentos plantadores.

Os principaes tabacos são o Virginia, Kentucky, Havana, Maryland, os d'Algeria e algumas localidades de França.

Concluiremos esta estatistica com o resultado da venda em França no anno de 1847.

Venderam-se:



Spa na Belgica.

Tabacos em pó	6770000	kilogr.
Ditos para fumar	10349000	»
Rolo grosso	281000	»
Dito delgado	44000	»
Charutos	690400	»

A venda de todo este tabaco produziu cento e quinze milhões de francos! e deixou oitenta e seis milhões de interesse, somma realmente enorme.

S.

APONTAMENTOS DE VIAGEM.

I

Eram dez da manhã de um dia de maio do anno do Senhor de 18. . . quando eu e o meu amigo A. . . chegamos á porta do convento de Santa Cruz do Bussaco. Em primeiro logar permitta-me o leitor condescendente um leve esboço do meu companheiro de viagem.

Supponha um homem de estatura menor que o regular, porém agil, proporcionado e robusto: nariz ligeiramente aquilino, bocca espirituosa, bigode farto e negro; olhos garços de uma viveza, de um brilho, de um fogo e intelligencia admiraveis; testa espaçosa e cortada por aquella veia tumida e perpendicular, veia fatal, que, segundo os phrenologistas, caracteriza os doidos e os poetas. Este era ambas as coisas. Nesse mesmo anno havia entrado pela primeira vez a porta do parlamento, e tomado assento na camara. As discussões acaloradas d'aquella epoca concorreram para o desinvolvimento dos seus instinctos oratorios. Fallava com rapidez, vivacidade e eloquencia.

As lutas jornalisticas em que se empenhara anteriormente haviam corrigido o seu estylo, augmentado as forças da sua dialectica, contribuido emfim para formar o prosador.

As aguas do Mondego, os suspiros da aragem por aquellas margens, onde os salgueiros se acurvam melancolicos, e o rouxinol improvisa caprichosas volatas, tinham despertado as primeiras notas da sua lyra, as primeiras explosões da sua musa apaixonada. O estudo dos melhores mestres antigos e modernos havia-lhe revelado os segredos da forma, e aprimorado o poeta. Erudito sem pedantismo, vate sem pretensões, etc. etc., e sobretudo homem de coração, como ha poucos n'este mundo. Aqui tem o leitor em poucos traços fielmente desenhado o retrato do meu particular amigo A. X. R. C.

É verdade, faltou-me acrescentar, por ultimo toque, que possuia o dote de ser *repentista* como qualquer cultor da escola *Bocagiana*.

Eccome alfin in Babylonia! Exclamei eu tirando o amplo chapéo de viagem, enxugando o suor que me escorria da frente, e aspirando a largos tragos as lufadas de ar vivo e fresco, que vinha impregnado no perfume agreste d'aquella floresta virgem.

Entrámos por uma extensa alameda de cedros e castanheiros gigantes, que faziam sobreceço, vedando completamente a entrada aos raios do sol ardente, que brilhava no firmamento purissimo.

Admira que o espirito *dendro-clasta* d'esta nossa gente, não tenha estendido o beneficio da serra e do machado até aos troncos nodosos e seculares d'aquellas arvores gigantes. Acho que principiaram; porém foram detidos na sua furia destruidora por uma disposição do governo. Bem haja a mão que os conteve na consummação de semelhante vandalismo!

Continuemos:

Depois de uma jornada de quatro leguas, por caminhos detestaveis, e debaixo de um calor ardentissimo, não se descreve a sensação que nos produziu a vista e a benéfica sombra d'aquelle magestoso e solemne santuario. As torrentes de agua cristalina e nevada saltam em borbotões da rocha viva, derivada pelo declive do monte até ao profundo valle, onde se juntam dando origem a um rio abastado que vae regando depois os campos na extensão de algumas leguas.

Subimos a cavallo até um terço da encosta, e apeámo-nos á porta do humilde convento, hoje desmantelado e deserto!

Um veterano invalido, que accumulava as funções de *cicerone*, veio pôr os seus serviços ás nossas disposições. Era o unico vivente humano que existia n'aquella mansão de paz. Aceitámos de boamente, e sentámo-nos a descansar por algum tempo sobre os degraus da cruz erecta no adro, mutilada e denegrida pelo tempo, revestida de alguns troncos de viçosa hera, sempre constante e inseparavel companheira dos monumentos, quando a mão volúvel do homem os abandona deixando-os desabar em ruínas.

Entremos na igreja, disse A. . . como acordando do profundo lethargo em que, fora do seu costume, estava havia largo tempo submergido. Vaes admirar aquellas imagens de que te fallei tanto.

Transpozemos os umbraes da porta e achámo-nos nos sombrios corredores. A vista das cellas acanhadas e tristes, cada uma d'ellas avançada por um pequeno jardim circundado por altos muros, onde apenas se descobre uma nesga de ceo, comprimiu-me a alma de um sentimento profundamente doloroso. Ali passavam os pobres

frades, com os olhos fixos na cruz, que lhes apontava o longinquo horizonte da outra vida.

Quantos dramas, despedaçadores se não teriam passado ali, com um actor e n'um theatro tão limitado?! Às vezes a vovô, de inabalavel de um pae severo, outras os revezes do infortunio, e as mais d'ellas o amor de uma mulher, com duziam esses desventurados a procurarem, na penitencia e no martyrio, remedio energico para cicatrizar as feridas que a mão do infortunio lhes abria no peito.

E encontra-o-hiam? Deus o sabe! . . .

O burel, que os amortilhava em vida, embebia as suas lagrimas ardentes, as paredes abafavam os gemidos da agonia, e a dor dos tormentos passava despercebida aos olhos do mundo. E que existe n'elle para os infelizes? Fastigio? pompas? glorias? É uma ironia pungente que vem augmentar o soffrimento do que não pode já gosar dos seus vãos prazeres. Depois é preciso comprimir o pranto, calar os gemidos para que se não riam d'elles. Assim, vale mais a solidão, a cella humilde, o esquecimento total dos homens.

Pois isso mesmo lhes invejaram, e um bello dia foram-se a elles e trouxeram-n'os á força para o meio da rua, onde os deixaram depois morrer de fome! . . .

II

Ha tres imagens ali, modeladas em barro, que são tres primores d'arte; vieram d'Italia, segundo me disseram, mas não pude saber o nome do autor.

As tres imagens são: A Virgem da Soledade, S. Pedro, e Santa Maria Magdalena. Farei menção das duas ultimas em particular, porque me surprenderam, e me tiveram pasmado tempo infinito.

Balzac diz: «As lagrimas do velho são raras, delgadas; rolam entre as palpebras, humedecem-n'as, seccam-se, renascem; mas nunca se deslisam pelo rosto facéis e abundantes como as da creatura joven. Ultimos orvalhos do outono humano!»

Como o desconhecido artista italiano realisou na sua obra esta observação do grande escriptor francez! A figura de S. Pedro representa o momento preciso em que o gallo canta pela segunda vez. Contrahida pela dor, supplicante e arrependida, aquella physionomia ergue-se a implorar perdão ao ceo por haver negado a Christo.

Oh! como o esculptor foi sublime nos toques magicos que estampou n'aquelle rosto!

A bocca, entreaberta pelos trances da agonia intima, parece que vae exhalar o ultimo suspiro. Os olhos sumidos, torvos, encovados, onde uma lagrima forceja em vão para rebenatar d'elles, e derivar pelas faces lividas, cobertas com o suor da agonia, parece que nos estão dizendo as attribuições porque passava a sua alma. Os raros cabellos, que povoam a cabeça do allucinado apostolo, eriçam-se pelo terror; as rugas profundas da testa espaçosa confrangem-se pela amargura; as mãos que apparecem lividas, como as mãos do morto, denunciam que o sangue, abandonando as extremidades, refluuiu todo ao coração, e ali por instantes estagnado tem suspensa n'um fio a vida.

Ha além d'isto uma tal expressão derramada pelo semblante que escapa á analyse.

Quando se desviam os olhos d'este vulto, e se fitam na figura da santa que fica fronteira, desafoga-se o peito da singular impressão que nos produz aquella vista. É tambem ella a imagem da dor e do arrependimento; mas quaõ diversos estes sentimentos se manifestam ali!

A esperança, o nune consolador dos que soffrem na terra, vem illuminar suavemente o semblante macerado da infeliz Magdalena. As lagrimas, que não podem rebenatar dos olhos do velho, correm abundantes e cristalinas pelas faces desbotadas da mulher joven ainda, a quem a mão da Providencia esclareceu com um raio da sua infinita misericordia, para a desviar do caminho confuso, e cortado de abysmos no qual se transviara.

A figura apresenta-se um pouco mais do que a meio vulto. Um vestido de esparto resguarda o corpo da santa, emmagrecida pelas vigílias e padecimentos. A cabeça inclina-se languidamente sobre o lado direito; as longas madeixas de cabello loiro, basto, e annelado, descaem esparzindo-se pelos hombros desalinhas.

Como é divina a expressão d'aquelles olhos azues, que se fitam no livro procurando com difficuldade ler as orações santas atravez das lagrimas que lhe empanam a vista! Olhos melancolicos, mas não desalentados; mas não sem que os reflexos da esperança scintillem por instantes n'elles. Quanta suavidade n'aquella carnção, onde se não ostentam as côres esplendidas que denunciam a robustez da vida; mas que não é tampouco livida, embaciada, mortal. Apenas as faces se illuminam de desvanecida cor de rosa; no resto do semblante pallido descobrem-se atravez da delicadeza da pelle as veias azues que o cortam. O sopro da vida vae-se extinguindo ali, suave e languidamente, como se extingue a flor, que sorri em uma alvorada de agosto, que os raios ardentes do sol no crescer do dia fizeram pender na haste, e que á tarde, quando chega a hora do crepusculo, quer animar-se com as brisas da noite, mas já não tem seiva que a sustente, e assim descae do tronco, sem esforço, bella, fragrante, mal desabrochada ainda. Depois quanta união n'aquelle

rosto? Quanta magia n'aquella bocca entreaberta por um sorriso de dor e de esperança ao mesmo tempo!

Oh! que só as santas como a Magdalena podem ser assim, e comtudo (Santo Deus, perdoae-me se é uma blasphemia esta) eu já vi, ou me pareceu ver alguém que se assimilhava com essa imagem!

Fugi como um louco da sua presença, porque se não tel-a-hia amado com o fogo, com a paixão de que só são capazes os doidos e os poetas. Porque emfim, digam o que disserem, os poetas e os doidos são as unicas creaturas que comprehendem verdadeiramente o amor; e eu que por infelicidade tenho pouco dos primeiros, dos segundos, dos «doidos» possuo uma consideravel porção.

Partimos para a Cruz Alta. Eu respirava a largos tragos o ar vivo e lavado da montanha, aspirava com avidex o perfume acre do matto bravo, que cresce espesso e emmaranhado por entre os troncos agigantados da floresta. Depois de termos caminhado largo tempo pelo dorso da montanha, chegámos ao viso onde está firmada a cruz, singela e humilde como aquelle que ali se deixou sacrificar por nós. Não menos agradaveis e vivas, porém bem diversas foram as sensações que de subito me assaltaram o espirito.

Em volta de mim descobria-se quanto os olhos podiam alcançar. Os diversos accidentes de terreno, as variadas formas de cultura n'um circulo de muitas leguas, as casas d'esta e d'aquella povoação pittorescamente agrupadas, e por assim dizer — encravadas no meio dos campos cobertos de relva, ou das cearas que pullulavam ao calor benéfico do sol ondeando suavemente com a brisa do norte, davam a esse panorama o aspecto mais agradável. Sentei-me nos degraus da cruz, e puz-me a pensar. Em que?

Não o saberei dizer! Era esse scismar vago que os francezes traduzem pela palavra *riverie*; estado de intima e deliciosa poesia em que a nossa alma jaz absorpta, situação em que o espirito percorre toda a escala das sensações delicadas, em que milhões de quadros se grupam ante a nossa phantasia, risonhos como a esperança, suaves como a saudade, coloridos e brilhantes como a ventura; momentos em que o espirito sente e não comprehende, em que tudo é vago e indefinido para as nossas faculdades e apenas intelligivel para a consciencia.

Continua.

R. BULHÃO PATO.

UM LUTO PUBLICO NA CHINA.

As ruas de Pekin estavam atulhadas de gente. Apesar de ter dado a hora em que diariamente se começa o trabalho e a labutação, nem uma unica loja estava aberta, nem se interrompera a soledade e o silencio das officinas. Os camponezes e aldeãos das cercanias acorriam em tropel á cidade. De quando em quando aquellas ondas de mercadores, negociantes, aldeãos, e de toda a classe de povo que se agitava n'um movimento concentrado, abriam-se para deixar passar um mandarim, que cercado do seu numeroso sequito, se dirigia, a pé, para a porta do Norte do palacio imperial. Na reserva e precaução com que se trocavam as palavras, no semblante dos officias publicos, e na ansiedade de todos, era facil ler o sentimento d'uma desgraça publica, que convertia em dia nefasto o de 16 de junho de 1833.

Era sol posto quando vibraram no ar os sons de nove pancadas que um official da corte bateu no *gon do dragão azul*, ou sino da morte, e pouco depois um *pontching-sze* lia ao povo, que n'este acto se havia prostrado, a triste noticia do fallecimento de Tung-Kea, esposa de Taou-Kivang, imperador da China. — «As vontades de S. M. foram acatadas, dizia a comunicação imperial. Hoje ás quatro horas falleceu, e se ausentou para sempre a imperatriz. Tung-Kea foi a flor que Kea-King escolheu para mim entre as flores do celeste imperio: Kea-King, meu pae, gosa uma eterna juventude no ceo dos sabios. Doze annos depois, minha mãe Kwang-Tung, a de voz harmoniosa, deu-me instrucções sagradas para conferir a esta princeza a primazia entre as do *Harem do meio*. Não ha ali, nem no palacio, quem não saiba que, nos vinte seis annos de nossa união, a imperatriz foi uma fonte de ternura, de piedade filial, e de obediencia. Atacada, ha tempos, de uma obstinada disenteria, por fim morreu. Eu perdi a consolação da minha casa. Este acontecimento causa-me uma pena, que não posso expressar.»

O imperador ordenou a seu irmão o rei Meenhac, a Hergan, intendente do palacio, e a dois ministros, um dos quaes era membro do tribunal imperial dos ritos, que velassem no ritual das ceremonias do funeral.

O povo, e tambem os funcionarios de todas as classes, que não receberam ordem para se affigirem ou gritarem conforme os decretos imperiaes, retiraram-se lentamente, e em silencio, a esperar, cada um em sua casa, as ordens de S. M.

Ao cabo de oito dias publicou a *Gazeta de Pekin* um pomposo elogio da defunta imperatriz. Enumerava as suas virtudes, e referia os beneficios que derramara sobre a terra desde que se unira com o *filho do ceo*, quer dizer, com o imperador. «A chuva não fóra mais util para a folha das arvores; a aurora matinal não fecundara mais flores do que corações enfeiticados de jubilo a sua incansavel bondade.» Terminava este elegante panegyrico

com a ordem que S. M. dava ao collegio Han-lin de ex-cogitar e propor o titulo posthumo que melhor e mais dignamente havia distinguir sua eterna memoria.

Passaram-se inda mais doze dias sem se resolverem as importantissimas questões de luto nacional, e pouco faltou para a garganta dos commissarios nomeados pelo proprio imperador para regularem o ceremonial pagar a temeridade de lhe não adivinharem o pensamento. Com effeito os quatro commissarios dissentiam de S. M. em varios pontos essenciaes, como a duração do tempo que os habitantes do celeste imperio estariam sem rapar a cabeça; quanto duraria a prohibição de celebrar casamentos, cantar e bailar, representar comédias, e convidarem-se as familias e os amigos. Verdade é que o parecer d'elles não se fundava em fracas razões. As opiniões dos commissarios estavam expostas com escrupulosa minuciosidade, e cada phrase ia apoiada em citações de autores classicos, e em exemplos tirados dos chronistas imperiaes, desde os tempos de Yaon, que occupara o throno da China havia quatro mil annos.

O irmão do imperador e seus collegas eram de parecer que o luto da imperatriz devia ser igual, pelo menos, ao que se fixa para o filho na morte de sua mãe; e considerando que era muito curto o espaço de tempo que se prohibia ao povo rapar a cabeça, e abster-se de quaesquer divertimentos, propozeram que se estendesse a cem dias. O imperador passou o negocio ao conselho de ministros, mandando que se investigassem todos os precedentes que podessem illustrar tão grave questão, e o conselho de ministros, presidido pelo principe Chang-Ling, apresentou um informe que mais firmou o imperador na sua primitiva opinião. Portanto ficou resolvido que para o povo e soldados a prohibição de raparem a cabeça adiante durasse um mez, e cem dias a abstenção de todos os divertimentos.

Meenhac e Hengan, quando souberam esta decisão, caíram em profundo abatimento; mas cedendo aos impulsos d'uma acrisolada lealdade, correram a lançar-se aos pés do imperador, para lhe implorarem sua clemencia, e inclinal-o a modificar as ordens que acabava de dar.

S. M. distrahia-se de sua dôr nos jardins de Yuen-Ming-Yuen. Meenhac e Hengan, aquelle como irmão, e este como cunhado e intendente da casa imperial, não acharam obstaculo que os detivesse; mas a presença do monarcha gelou-lhes o sangue nas veias.

Depois de longo silencio, durante o qual o irmão e cunhado do imperador permaneceram de joelhos e com a cabeça rojando o chão, Taou-Kwang lhes fez signal para fallarem. Ambos se levantaram, e cada um por sua vez expoz humildemente o objecto da sua apresentação.

— Bemdizei a minha clemencia, lhes disse severamente o imperador, porque não castigo o vosso desacato como merece. A falta de respeito para com o vosso senhor poderia custar-vos a vida. Um tribunal v. l. julgará, e a sua severidade não será tamanha como o crime o reclama.

— Filho do ceo, sublime imperador!... replicou o rei Meenhac seu irmão.

— Está resolvido, disse S. M., recebi esta ordem, e publicae-a tanto dentro, como fora. Eu o mando.

O decreto imperial continha as seguintes disposições: «Por espaço de cem dias não se permite a nenhum official superior rapar a cabeça. Tambem lhe fica prohibido, ou a alguém da sua familia, contrahir matrimonio durante vinte e sete dias; não lhe sendo igualmente permittido dar, ou assistir a festas, concertos e representações theatraes pelo tempo de um anno. Os soldados e a plebe não se devem rapar pelo prazo de um mez: durante sete dias é-lhes prohibido casar-se; e por cem dias não se poderão entregar a nenhuma classe de diversão.»

Prohibiu-se a todas as repartições do estado o uso da tinta encarnada, sendo esta supprida pela azul em signal de luto. Tambem se ordenou aos empregados publicos que tirassem dos carapuços o laço encarnado que os distingue. Expediram-se decretos pelo tribunal dos ritos, ordenando as ceremonias com que o edito imperial havia ser recebido, e as regras que se deviam observar nas lamentações publicas, e o luto que correspondia a cada classe do estado pela morte da imperatriz.

Quando a magnifica barca que levava o edito supremo chegou ao rio de Cantão, diante da cidade, foi delegado um official superior para a receber e guardar no desembarcadero imperial. Tinha-a precedido um mestre de ceremonias, parte obrigada em todas as ceremonias do celeste imperio, e lhe ordenou recebesse o edito do imperador a bordo da barca. O official o tomou, levantando as mãos por cima da cabeça, e foi pôl-o e desdobral-o com todo o esmero no carro do dragão, que era levado aos hombros por trinta e dois mandarins. Um numerozissimo acompanhamento, composto de empregados civis e militares vestidos de gala e collocados em fileiras, se prostrou ao aproximar-se o edito, permanecendo n'esta humilde postura até elle ter passado. Depois levantaram-se todos, e a procissão se encaminhou para a porta principal do tribunal dos exames, penetrou na grande sala publica, e outra vez todos ajoelharam, os funcionarios civis á parte do oriente, e os militares á do occidente, sem ninguem se levantar em quanto o carro do dragão não entrou na sala da constellação de Kwei. Ali foi posto o edito imperial sobre uma mesa coberta com um tapete amarello, e rodeado de vasos em que ardiam suavissimos

perfumes. Depois de todos entrarem disse o mestre de ceremonias em voz alta:

— Ponde-vos por ordem. Tres vezes de joelhos. Tocae nove vezes o chão com a cabeça. Levantae-vos todos.

Rogado então o magistrado que desempenhava as funcções de leitor, tomou o edito supremo escripto em papel amarello, e collocou-o com ambas as mãos em cima da cabeça. O mestre de ceremonias gritou:

— Officiaes do imperador, todos de joelhos. Escutae os preccitos de sua magestade.

Terminada a leitura disse-lhes:

— Levantae-vos e choraes.

E todos obedeceram com uma espantosa facilidade. Como, porém, até as lagrimas estão sujeitas á regra do ceremonial n'aquelles venturosos dominios, passado o termo fixado ás lamentações, e posto outra vez o edito sobre a mesa amarella, o mestre de ceremonias gritou de novo:

— Entregae o mandato imperial.

Um official acercou-se respeitosa da mesa, poz o papel sobre a sua cabeça, e o entregou ao governador, ajoelhando diante de s. ex.º O governador tambem se poz de joelhos para receber tão sagrado deposito, logo se levantou e o passou ás mãos do pontehingsze, que o passou ás do seu primeiro secretario, verificando-se todas estas transmissões ajoelhados todos os que n'ellas tomaram parte. O secretario levou o decreto á sala de Tse-wei, para o copiar, e ordenar a sua impressão em papel amarello.

Acabado o prolixo ceremonial, o mestre que o dirigia ordenou que os officiaes civis e militares, os magistrados e mandarins se fossem vestir de luto. Estes retiraram-se, e quando mudaram de traje, o mestre de ceremonias tornou a reunil-os, e successivamente lhes foi proscrevendo os seguintes actos:

— Cada um no seu posto. Tres vezes de joelhos. Tocae nove vezes o chão com a cabeça. Levantae-vos e choraes. Agora, ide comer.

A concorrencia saiu da sala da abstinencia, e passou a outra onde havia mesas postas para todos os funcionarios, e onde comeram, ainda que pouco, guardando sempre a mesma ordem de collocação, a saber! — os empregados civis do lado do oriente, e os militares do occidente.

Á voz do mestre de ceremonias todos se retiraram ás salas publicas, e á noite se repetiu com leves alterações o mesmo ceremonial. Durante o primeiro periodo do funeral, que durou tres dias, não se permittiu a ninguem ir a sua casa, dormindo todos nas salas publicas. No segundo e terceiro dia repetiram-se de manhã e de tarde as ceremonias do primeiro, até que expirado o prazo poderam regressar a suas casas, e tornar ás suas habituaes occupações.

Copiado o edito imperial, encarregou-se um funcionario de o pôr na mesa amarella, e outro de lhe estar de guarda e incensal-o por espaço de vinte e sete dias, ao cabo dos quaes se tornou a entregar ao pontehingsze que o depositou no tribunal dos ritos. Ao vigesimo setimo dia juntaram-se outra vez os officiaes, e logo que cumpriram com as referidas formalidades, o mestre de ceremonias lhes mandou tirar o luto, vestir os fatos do costume e volver ao seu domicilio, declarando terminadas as ceremonias do luto da imperatriz.

As victimas funeraes foram Meenhac, irmão do imperador, que foi condemnado a perder metade dos soldos e pensões, pelo espaço de vinte annos, e Hengan, cunhado de S. M. que foi mandado, na qualidade de commissario imperial, reprimir a insurreição das montanhas, verdadeira desgraça que o desterrava da corte.

LITTERATURA DRAMATICA.

O SAPATEIRO DE ESCADA.

Conclusão.

SCENA XIX.

OS MESMOS, E ANGELICA.

ANGELICA.

Os doces lá estão na mesa. (Baixo) Eu puz tambem os licores.

ENGRACIA.

Fizeste bem. (Alto) Angelica, comprimenta ali aquelle cavalheiro, que é sobrinho do senhor Anacleto.

ANGELICA.

(Vae para comprimentar, e dá de cara com Julio) Quem? Este senhor!

ANACLETO.

(Ao sobrinho) Anda, não sejas acanhado, responde: Obrigado, minha senhora.

(*) Do num. 48.

JULIO.

Obrigado, de que? Se ella ainda não fallou!

ANGELICA.

Tenho muito gosto, de ter tido esta occasião... (Dá-lhe um frouzo de riso, e tapa a bocca com o lenço.)

ENGRACIA.

Lá estás tu com o maldito lencinho na bocca! Desculpe-a, senhor Julio; a minha Angelica está sempre com a carinha n'agua!

ANACLETO.

Sae ao pae. Aonde elle estava, não estava ninguem triste!

ENGRACIA.

(Baixo a Angelica) Este, dou-te eu licença que namores. É um rapaz sizudo, e hade herdar o tio.

ANGELICA.

Mas... minha mãe...

ENGRACIA.

Qual mas, nem meio mas?! (Batendo com o pé) Mando eu!

ANACLETO.

(Ao sobrinho) Perfila-te com a pequena; e deixa o mais cá por minha conta.

ENGRACIA.

Então, ficamos na escada?!

ANACLETO.

(Ao sobrinho) Entra tu, que eu quero dar aqui duas palavras á Josefa. (Entram todos, menos Josefa, e Anacleto.)

SCENA XX.

ANACLETO E JOSEFA.

JOSEFA.

(Cruzando os braços) Ande, desembuche.

ANACLETO.

(Com ar solemne) Pois então, ouça. Desde que chegou meu sobrinho, as coisas mudaram muito de figura. Estou disposto a ir viver para uma hospedaria, e dou-lhe oito dias para procurar casa.

JOSEFA.

A sua hospedaria sei eu qual é. Mas deixe, que as não deita em cesto roto! O senhor, e a Engracia, ainda hade ir bailar aos papeis publicos!

ANACLETO.

Mais respeito, senhora Josefa, mais respeito!

JOSEFA.

Ai! como está assucarado! Queria talvez que eu des-se dom á viuva do ferro-velho!

ANACLETO.

O mez acabou hontem, paguei-lh'o, creio que não lhe fico a dever nada?

JOSEFA.

De rastos que andasse não me pagava o que me deve. Mas deixe; atraz de mim virá quem boa me fará!

ANACLETO.

Não falle antes de tempo, e pergunte ao mestre José Pardal quaes são as minhas intenções a seu respeito.

JOSEFA.

Agora faça de lord! Temos fallado os farrapos; vou pôr o capote e o lenço, que eu não gosto de ser pesada na casa alheia! (Mette a mão á algibeira e quer entregar uma chave a Anacleto) Aqui tem a chave do meu bahu, pode ir ver se levo alguma coisa furtada. (Chorando com grande lamuria) Fic-se lá uma pobre mulher nas palavradas dos homens!

ANACLETO.

(Limpendo as lagrimas e soluçando) Então, Josefa! Que doídice é essa!

JOSEFA.

(Em choro entrecortado) É... é... é... É o se... nhor que... é um homem... como são todos os homens! (Entra.)

SCENA XXI.

ANACLETO E ENGRACIA.

ANACLETO.

Coitada da Josefa! Se não fosse não sei pelo que pedia-lhe que se não fosse embora. (Engracia sai ao pátio, e dá-lhe um beliscão) Ui!...

ENGRACIA.

Ora o senhor, que hade ser maricas toda a sua vida! Entre, faça favor, a sua criada não precisa de guia, sabe bem os cantos á escada.

SCENA XXII.

OS MESMOS, JOSEFA, E O SAPATEIRO.

JOSEFA.

(Já de capote e lenço) Adeus, senhor Anacleto. Queira perdoar alguma má palavra. (Dando-lhe um papel) Aqui tem o rol da sua roupa. O barrete de dormir que lhe falta perdeu-o a lavadeira na ultima barrella.

ANACLETO.

Adeus, Josefa, seja feliz é o que eu mais estimo (Josefa desce).

ENGRACIA.

Deixe estar que, em seu sobrinho saindo, hade-me ouvir o *kyrie eleison!* (Indicando-lhe a porta) Ande, tenha a bondade de entrar, que está aqui correndo bastante ar, e eu não estou para apanhar uma pontada por sua causa.

ANACLETO.

(Esfregando as mãos e á parte) Muito gosto eu de uma mulher ciumenta!

JOSEFA.

(Tem até aqui fallado baixo com o sapateiro) Em você

podendo, hade-me chegar lá acima n'um pulo a buscar o meu bahu. Então aonde havemos nós abrir a loja de capella?

SAPATEIRO.

Eu lembrava-me do Largo da Paschoa... por ser central.

JOSEFA.

Mas, veja lá você não nos roa o senhor Anacleto a corda.

SAPATEIRO.

Isso pergunta-se-lhe *cathegoricamente*. (Chega á porta e chama) Tem a bondade, senhor Anacleto.

ANACLETO.

(Aparece á janella de Engracia, e o sapateiro procura-o do outro lado.) O que é, mestre? Você chamou-me?

SAPATEIRO.

(Procurando-o de todos os lados) D'onde diabo nos falla elle?!

JOSEFA.

(De dentro do pátio) Hade ser do covil da fera!

SAPATEIRO.

(Venzo Anacleto) Ora até que finalmente! Diga-me uma coisa, senhor Anacleto, ainda está por aquillo que me disse? (Faz com os dedos menção de quem falla em dinheiro) Não percebe? Aquella historia dos trezentos...

ANACLETO.

Eu tenho uma palavra só.

SAPATEIRO.

(Fallando para dentro) Elle diz que tem uma palavra só. E você sóra Josefa?

JOSEFA.

Eu cá tambem. (Canta)

Para o nosso casamento,
Vá você cuidar dos banhos;
Que do resto dos amanhos
Eu cá trato n'um momento.

SAPATEIRO.

Pois sim, eu vou; mas deixe-me você primeiro dar um recado aqui a estes senhores. (Canta)

Esta peça é obra feita;
Já não tem volta nem cura,
Apesar d'ella imperfeita
Senão ver se a obra dura.

TODOS.

Elle diz que é obra feita!
Sendo assim já não tem cura...

SAPATEIRO.

Apesar d'ella imperfeita
(Indica a platéa) Senão ver se a obra dura.

CIDADE DO PORTO.

Todos ou quasi todos os jornaes litterarios do paiz, e nomeadamente o mais antigo d'elles—o Panorama, tem por muitas vezes, elargamente, tratado do Porto. Nós mesmos, n'este semanario, já tivemos occasião de fallar, apresentando os respectivos desenhos, do Douro e da Foz. Portanto a segunda cidade do reino está de sobejo avaliada pelos nacionaes.

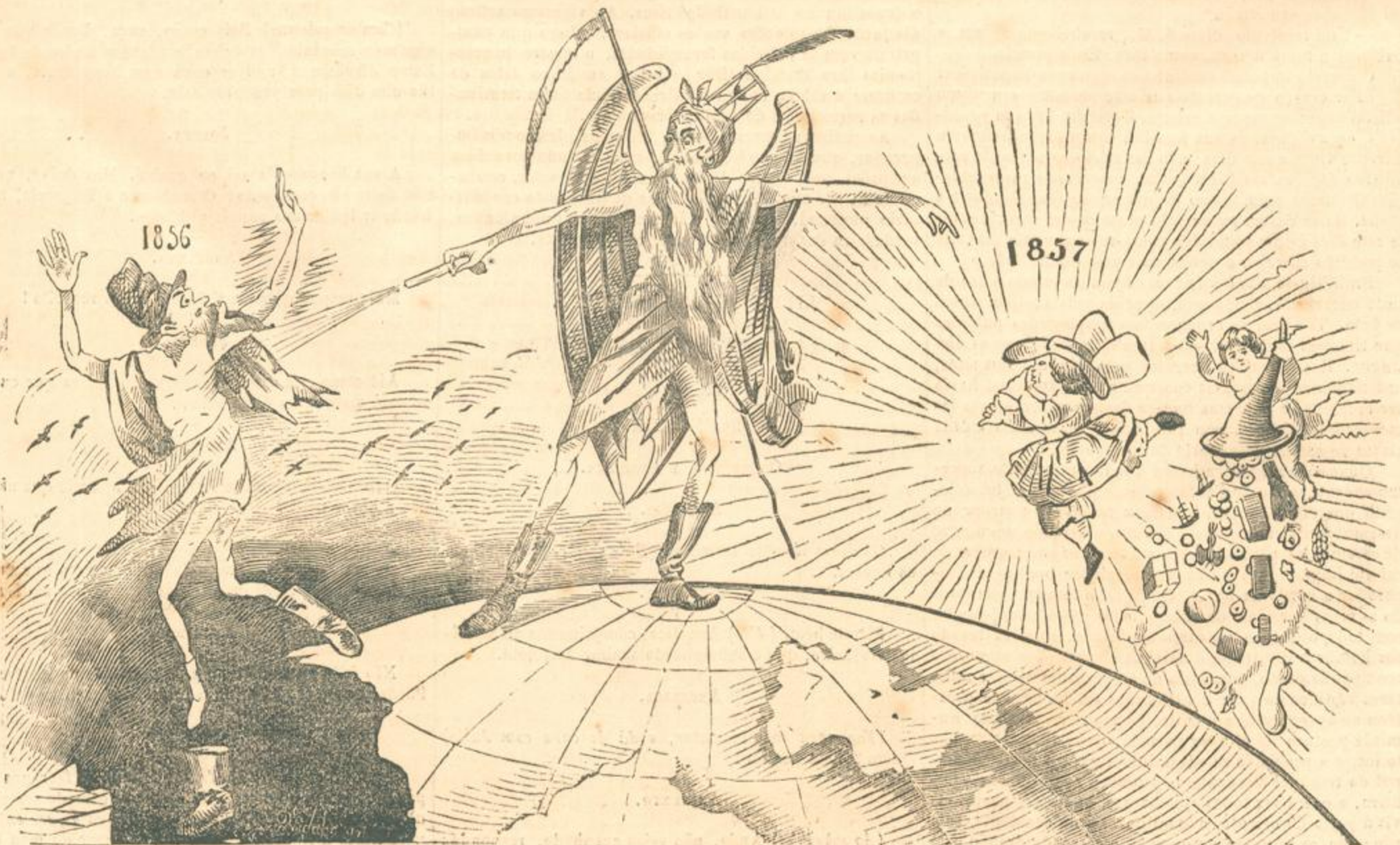
Se o leitor quer ver a apreciação feita por um estrangeiro, consulte a obra intitulada *Ricordi d'una missione in Porogallo al re Carlo Alberto* do distincto escriptor Luiz Cibrario.

AVISO.

Muitas razões ponderosas, e entre ellas a falta de papel, obrigam o Editor da Illustração a suspender por ora a publicação d'este semanario.

Roga por isso aos Senhores Assignantes, que já pagaram todo ou parte do anno futuro, 1857, que tenham a bondade de mandar receber a importancia da sua assignatura.

TTP. DO PANORAMA — Travessa da Victoria, 53.



Um novo anno a surgir lá vem fagueiro,
E tu desce aos abyssos traiçoeiro!

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME.

(OS ASTERISCOS DENOTAM AS GRAVURAS.)

Abbadia de Westminster *	320	Casa do governador do forte de Santa Luzia, em Elvas *	263	Dieppe *	386	José Lourenço da Luz	137
Academia (a) das Bellas-Artes de Lisboa, e a necessidade d'uma reforma	135	Castello de Bragança *	179	Discursos de recepção na Academia Real das Sciencias de Lisboa	198	171.	
139, 154, 162, 182, 202.		Castello (o) de Ganne *	396	Ecce homo *	93	Horas de amor e horas do desengano	103
Acorde	383	Castello (o) de Moura *	188	Edade (a) média, e a igreja catholica	183	110.	
Africa portugueza no tempo d'el-rei D. João III.	305	Castello (o) de S. Filippe, em Setubal *	260	187, 199, 201.		Hospital civil de Bilbao *	404
Alcacer do Sal *	205	Castello de Thun *	348	Egreja d'Assumpção em Moscow *	392	Hospitalidade	138
Alda.	382	Castigo (o) do Senhor.	258	Egreja (a) das freiras da Conceição *	220	Ilha Boobi *	111
390, 403.		266, 274, 290, 298, 308, 313, 321, 329, 337, 346, 354, 362, 370, 378, 386, 398, 402, 409.		Egreja (a) de Salvador em Beja *	213	Ilha (a) da Madeira *	288
Aldêa de Petrowska *	29	Cathedral de S. Giovanni em Turim *	29	El-Rei D. Pedro V *	4	Ilha (a) de Santa Catharina *	268
Aldêa de Popovra *	40	Chalet nas ilhas do Neva *	360	Encontro d'um leão do mar *	189	Ilha (a) dos Principes e o quartel dos prisioneiros russos *	69
Amazonas (o) *	245	Christus Rex.	91	Entrada do marechal Pelissier no porto de Marselha *	295	Ilha Tereceira *	276
Anachronismos na pintura	407	Chronica semanal	6	Entrada dos duques de Brabante em Spá *	400	Ilhas de Falkland	190
Anecdotes	184	12, 21, 27, 39, 43, 53, 63, 72, 80, 88, 96, 104, 111, 119, 127, 136, 144, 152, 159, 168, 176, 184, 200, 208, 216, 222 **, 232, 239, 248, 256, 264, 280, 288, 295, 304, 312, 320, 328, 336, 344, 352, 360, 368, 376, 384, 392, 400, 408.		Erratas	31	Iluminação do palacio do consul brasileiro em Macau *	128
Antiguidades achadas perto de Sebastopole *	86	Cidade baixa (a)	379	Esboceto critico	22	Imperador (o) da Russia *	403
Antonio José da Silva.	190	Cidade do Porto *	416	Estação do caminho de ferro de Cairo *	372	Imperadores do Haiti **	111
Aphorismos	192	Cintra *	380	Estatistica da embriaguez.	395	Importancia dos telegraphoselectricos	244
224, 285, 296, 335, 358, 380, 395.		Collecção (a) intitulada <i>Gesta Romanorum</i>	126	Estatistica dos suicidios	384	Impressões d'uma viagem.	235
Apontamentos biographicos :	399	150.		Estatua de Pedro Grande *	413	243, 254, 272, 275, 282.	
Abd-el-Kader	399	Collegio do Espirito Santo, em Evora *	240	Estatuas equestres de Henrique IV de França, e Pedro o Grande da Russia	365	Inauguração do caminho de ferro da Bahia *	268
410.		Conde (o) Granville, e lord Wodehouse *	358	Estremoz *	256	Inauguração dos caminhos de ferro de Cintra *	253
Augustin Thierry	206	Constancia de jesuita.	279	Ethiopia (a) superior.	289	Incendio do bazar chinez em Macau *	125
Excelmans *	277	315, 323, 333, 340, 346, 356.		Etymologia da palavra Mala-Posta.	118	Incendio da estação do caminho de ferro em Vauxhall *	199
Gérard *	287	Conto (um) de Hoffmann	155	Excerpto da Chronica d'el-rei D. Fernando I.	313	Industria.	368
James Buchanan *	398	163.		Excerpto da Chronica do Padre Balthazar Telles.	329	Instrucção (a) publica em Portugal	34
Jorge Sand *	287	Contos e lendas.	210	Excerpto do Exame physico e historico.	197	42, 50.	
José Corrêa da Serra *	380	270, 283, 305.		Excerptos da Carta de guia de casados	337	Introito.	1
Marmont *	294	Contos (os) do tio Joaquim.	238	Exposição da Academia das Bellas-Artes de Lisboa em 1856	371	Inundação de Lyão *	232
Soult *	224	250, 281, 323, 345, 366.		Exterior da nova sala do palacio de Buckingham *	128	Invento util	64
280.		Convento de Nossa Senhora da Boa Viagem, no Rio de Janeiro *	142	Fabrica de tabaco em Madrid *	44	Ir a Roma e não ver o papa.	2
Apontamentos de viagem.	414	Convento (o) de Nossa Senhora da Consolação *	245	Feliz achado	241	11, 30, 38, 46, 57, 73, 113, 129.	
Arco de triumpho em Munich *	44	Convento de Nossa Senhora de Jesus *	87	249, 257, 265, 273.		Ismail-pachá *	5
Arte (a) dramatica e o theatro normal	226	Convento de Nossa Senhora da Penha de França *	393	Festa do caminho de ferro de South-Western *	248	Jorge.	47
234.		Convento (o) de S. Francisco em Bragança *	328	Forte (o) de Catalasete *	244	55, 58, 65, 81, 90, 105, 121, 137, 145, 153, 161, 169, 177.	
Asylo da mendicidade no Porto *	240	Coroação do imperador Alexandre II em Moscow	387	Foz (a) *	199	José Maria Latino Coelho.	99
Baile de mascaras *	244	406, 411.		Frederico II da Prussia *	56	Judeus Karaitas da Crimeia **	111
Baixos-relevos	394	Coronel (o) Lake e o tenente-coronel Teesdale *	312	Gabinete de mr. de Lamartine *	164	Kensington-Gore *	365
Baterias fluctuantes *	276	Côrte (a) de D. João III.	54	Galeria dos paços reais em Evora *	208	Lago de Gaube *	295
Bellas-Artes	330	66, 74.		Galope e trofé *	288	Lenda dinamarqueza	399
Berço (o) imperial *	150	Côrtes	8	Gansos cysnes da Australia *	13	Lenda mexicana	389
Bibliographia	8	Costas (as) de Amsterdam.	40	Gaucho deitando o laço aos cavallos bravos *	188	Lesage.	35
62, 100, 134, 151, 304.		45, 87.		General Bazaine (o) *	76	Lisboa e os espectaculos publicos.	119
Bibliotheca publica em Constantino-pola *	388	Critica Litteraria :		General de Pontevés (o) *	54	Litteratura dramatica :	
Bombeamento e tomada de Kinburn *	64	Poesias de F. H. de Novaes.	122	Grande fonte em Sans-Souci *	384	Sapateiro (o) d'escada	335
Boulogne sur mer *	389	Miramar.	315	388.		343, 350, 358, 367, 375, 383, 415.	
Bucharest *	407	Sermões por F. S. Franco Junior	299	Grande incendio do bazar chinez em Macau.	91	Loanda *	174
Cabo Ai-Todor *	319	Defesa da torre de Leybar pelo sargento Brunier *	85	Grou da India (o) a mangueira *	336	Lord (o) Mayor annunciando a paz *	156
Cabo da Boa-Esperança *	336	Desarborisação (a) e os climas	212	Grupo em marmore de M. Etex *	404	Louca (a) de S. Christovão	219
Cães contrabandistas **	172	Descoberta archeologica	184	Habitantes de Chosan *	136	Luto (um) publico na China	414
Caixa (a) do doutor.	179	Descobrimto da Torre de Babel.	112	Havana *	16	Lyrica.	404
186, 194, 207, 214, 225.		Desembarque do marechal Pelissier em Marselha *	310	Havre de Grace *	396	Macau *	51
Calais *	387	Deserto (o) ***	97	Herança (a) do Chancellor	78	75, 344.	
Camara dos dignos pares.	8	106, 158.		84.		Machina portatil de vapor de mrs. Tuxford e Filhos *	32
Camara dos senhores deputados.	8			Historia natural :		Maki e Barko.	151
Camilla	204			Abelhas (as).	314	Malta ***	328
209, 217.				322.		Manuel do Cenaculo Villas-Bôas (D. Fr.)	342
Caminho de ferro de Valparaiso e Santiago *	53			Cysnes (os)	340	349, 355.	
Caminhos de ferro em Inglaterra	154			Homens de sciencia contemporanea :		Manuel José Quintana (D.) e a litteratura castelhana moderna	14
Candelabro offerecido pela imperatriz dos francezes á rainha d'Inglaterra *	9			João José Pereira	86	31, 35, 43, 74, 86, 92.	
Cantora (a) Piccolomini na opera Traviata *	180			107.		Manuel Monti (D.) presidente do Chili *	85
Carreta russiana *	24					Manuscriptos ineditos	369
Carta do privilegio do reino de Portugal	353					377, 385, 393, 401.	
Casa (a) do capitulo no convento da Batalha *	215					Melbourne *	13
						Memoria (ã) da Senhora D. Maria II	368

INDICE ALPHABETICO.

Memorias extemporaneas	101	de Paris *****	132	Vida (a)	178	Sir Allan Macnab, primeiro ministro	
Mirandella *	319	140.		Ponte (a) d'Algés *	236	do Canadá *	156
Miscelanea.	192	Pobre Luiza !	246	Ponte (a) d'Arc *	156	Sir Williams, defensor de Kars *	256
Modas *****	64	254, 262, 278, 292, 318, 334, 374.		Ponte (a) nova de Colonia *	80	Spá, na Belgica *	410
86, 104, 136, 175, 216, 312.		Poesias :		Ponte pensil, em Brest *	296	Sphinge.	355
Monte (o) Matterhorn *	350	Adeus !	208	População da Grã-Bretanha	370	Sterne	39
Monumentos da campanha da Cri-		Adolescente (o)	38	Porto d'Areia do Norte *	373	Sultão (o) no baile *	216
mea ***	334	Amisade (a)	195	Porto do Maranhão *	156	Telegraphia electrica *	218
360, 363.		Artilheiro (o) e o naufragio	175	Praça (a) d'Evora *	219	230, 247, 258.	
Mosaicos	395	Beijo (o)	294	Praça do Pelourinho em Lisboa *	312	Telegrapho das locomotivas *	76
Mosteiro (o) da Batalha *	69	Bemfica	278	Praça publica d'Elvas *	77	Templo da Concordia *	232
Mythologia :		Brinde	251	Prébischtor *	336	Templo(o) dos fogos eternos em Bakou *	127
Lechias	404	Cães (os) e a raposa	163	Prégador portuguez celebre em Paris		Tenente-coronel (o) Magnan *	69
Maboia	405	Caridade e gratidão	90	no seculo xvii.	363	Tenente-general (o) Liprandi *	124
Maramba	412	Castigo (o)	190	Presente ao rei de Sião *	192	Terremoto no Japão *	53
Menous ou Manous	396	Chopo (o) e o riacho	166	Principal mesquita de Serinagor *	196	Theatro (o) de D. Fernando *	229
Merou ou Mahamerou	405	Ciumes do passado	123	Principal rua de Calcuttá *	20	Topinambás	287
Mimis ou Mimir	404	Convalescença (a) no outono	118	Principe (o) Bebutoff *	7	Torre de Belem *	124
Raghinis	373	Deus !	324	Principe Gortschakoff *	48	Torre do Castello d'Estremoz *	370
Seva	373	Elisa	173	Programma da festa do Passeio Publico	183	Torres Vedras *	388
Ti-Kang	387	Esperanças	382	Quadro de M. H. le Jeune *	176	Trabalho (o) nas cadeas considerado	
Zemas	373	Excursão phantastica	158	Quadro sacro	56	como elemento moralizador	98
Narcoticos nos diferentes paizes	403	Folha (a) desbotada	139	Quadros novos inglezes ****	181	Tumulos de D. Pedro i e de D. Ignéz	
Narrativas, lendas, superstições e		Garrett e Camões	3	197, 203.		de Castro *	344
crenças populares	60	Gratidão esaudade	160	Quartel de cavallaria em Evora *	318	Tygre (o) de juba *	204
79, 82, 338, 357, 391, 406.		Ilusão	413	Quartel-general de Omer-pachá em		Typos e scenas militares	126
Niklaus (S.) *	350	Memoria (á) da ex. ^{ma} Senhora		Soukoum-Kalé *	36	Um caso notavel de teratologia	116
Ninha a Pastora *	220	D. Maria Gertrudes Manuel		Que bello mundo é este em que vive-		Um livro novo	272
Noite	404	da Cunha	163	mos !	361	Uma excursão ao Vesuvio	114
Noticiario	8	Meu (o) anjo	16	Rainha Victoria	36	Uma noite de serviço	262
16, 24, 32, 40, 48, 56.		Meus (os) sonhos	215	Recepção do coronel Lake *	260	Uma rua de Constantinopola *	268
Nova igreja de Santa Margarida **	372	Minha (a) rosa branca	134	Rei (o) da Sardenha *	119	Uma rua de Moka *	237
Nova igreja em Hendon *	403	Minha terra	122	Reino (o) das Flores	115	271.	
Nova Pinakotheca de Munich *	5	N.	198	130, 146, 170, 185, 193.		Uma viagem pela litteratura contem-	
Novo (o) lord Mayor de Londres *	24	N'um album	264	Reis (os) de França da primeira raça,		poranea :	
Novo templo de Saint-Dié *	412	Pois ser pallida é defeito?	143	e o uso dos cabellos compridos	307	José da Silva Mendes Leal Junior	70
Odessa *	11	Porque?	150	Retratos dos nossos homens politicos		94, 118, 131, 227, 303.	
Oliveiro Cromwell *	363	Quadro (ao) original—Só Deus!	370	no seculo xix	206	L. A. Rebello da Silva	6
379.		394.		211, 220, 238, 255, 267, 286, 291,		14, 22, 27, 45, 62.	
Operação notavel (uma)	76	Reacção	318	302, 311.		Uma vista de Sebastopole *	104
Origem da palavra Cariatides	358	Recêios	166	Revista dramatica	351	Valle de Baidar ***	303
Paço (o) da Bemposta *	280	Recordações	242	Revista litteraria	3	Valle das Furnas na ilha de S. Miguel	108
Paço dos duques de Bragança, em		Roma	347	10.		Valle de Zermatt (o) e o monte Rosa **	342
Villa-Viçosa *	268	Rosa (a)	144	Revista litteraria do anno de 1855.	18	Vapor (o) Cysne passando a ponte de	
Palacio d'Aloutcha *	288	Rosa murcha	159	Revista Musical	66	Galata *	152
Palacio (o) imperial em Pekin *	335	Saudade	272	Revista politica	2	Vapor (o) Unde Sam *	236
Palacio real em Turim *	117	Saudades	135	9, 17, 25, 33, 41, 50, 63, 72, 88,		Vasos antigos *	165
Pandanus (o) na ilha do Principe *	412	Silva (a)	355	95, 120.		Vem-te embora *	277
Pará *	327	Solidão (a)	309	Rio (o) Douro *	199	Viação inter-nacional	26
Partida (a) do gado	178	Sua Magestade (a) El-Rei o Se-		Rua em Hakodade *	147	Viagem á roda do toucador da minha	
Payé-Tomé	408	nhor D. Pedro v *	297	Rude (mr.) esculptor *	32	Emilia	316
Pedra Runica achada ha pouco na ilha		Suspiros	147	Salamandra gigante *	388	326, 331.	
de Man *	20	Um retrato (a)	79	Santa Maria do Olival em Thomar *	190	Viagem d'El-Rei o Senhor D. Pedro	
Peixes (os) electricos	411	Uma Seifeira (a)	142	Santas mulheres (as) no sepulchro *	95	v ás principaes côrtes da Europa no	
Perfuração do poço de Passy *	156	Versos a	144	Sebastopole vista das muralhas do		anno de 1854	134
Pescadores tartaros *	164	Versos dedicados ás senhoras		Hospital *	20	143, 147, 157, 167, 174.	
Pescaria das perolas em Ceylão *	368	que dirigem os Asylos d'In-		Sé d'Evora *	260	Viagens *****	59
Petrificação animal	214	fancia desvalida	198	Segundo (o) duque de Lafões *	151	71, 75, 141, 165, 176, 180.	
Pharol (o) de Nossa Senhora da Guia *	268	Versos escriptos depois da leitura		188.		Villa da Certã *	295
Pharol (o) de Nossa Senhora da Luz *	232	do romance Jane la pdle		Semana Santa (a) ****	89	Villa d'Alhandra *	164
Pharol do Cabo Carvoeiro *	367	de Balzac	203	Sentença	29	Villa (a) da Torre de Moncorvo *	256
Physiologia das platéas de Lisboa	230	Versos escriptos n'um album	162	Ser ou parecer *	229	Villa Franca de Xira *	216
233, 259, 292.		Versos escriptos n'um album em		Sertão (o) d'Africa	298	Villa Nova de Portimão *	318
Piratas de Riff	321	que havia duas folhas seccas		Sessão solemne da Academia Real das		Villa Rica d'Ouro Preto *	348
Pistola-Revolver *	48	d'uma arvore do campo d'In-		Sciencias de Lisboa	378	Voracidade do lucio	245
Plenipotenciarios (os) no Congresso		kermann	211	Sigismundo Thalberg *	100	Zerdos (os) *	205